



**Universidade da Beira Interior 2008/09**  
Departamento De Engenharia Civil E Arquitectura

# **REQUALIFICAÇÃO E DINAMIZAÇÃO URBANA**

## **QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ**



Dissertação/Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

**PEDRO ALEXANDRE PEREIRA PAULO**

**Orientador:**

Prof. Doutor Jacek Dominiczak

**Co-orientador:**

Arq. José Fidalgo Augusto Da Silva





## AGRADECIMENTOS

*Divida de vida!* Aos meus pais, Miguel Pedro Ferreira Paulo e Maria Fernanda Alves Pereira Paulo, por o amor eterno que neles existe á minha pessoa, por o esforço e dedicação incondicionais em todos os momentos. *Ao sacrifício da sua vida para a construção da minha!* À minha irmã Joana, por o seu amor e apoio demonstrados ao longo de todos estes anos, por a sua incessante ajuda e motivação nos momentos mais difíceis. Ao meu irmão Rodrigo por trazer a felicidade e a união á minha família, por ser o motivo do meu bem-estar no mundo. A todos este por transparecerem o orgulho na minha pessoa.

A toda a minha família por a confiança e esperança que depositaram em mim.

Aos meus amigos por o seu apoio e ajuda ao longo destes anos, por os bons e os menos bons momentos passados, por serem o porto de abrigo dos meus defeitos e virtudes e por a sua amizade que é o fruto do meu crescimento como pessoa. A todos eles as incontáveis dívidas de gratidão.

À Justyna por os estes dois últimos anos, por a sua perseverança e a sua força de trabalho que contagiaram e incentivaram a minha pessoa nas situações de maior fraqueza interior. Por o seu amor traduzir-se em actos que possibilitaram a conclusão desta importante etapa da minha vida.

À cidade da Covilhã por me acolher como estudante e ao carinho das suas gentes.

À UBI e ao seu corpo docente, por possibilitarem estes anos de aprendizagem na minha vida, em especial ao apoio do meu orientador Jacek Dominiczak.

À família Braga em especial a professora Teresa, que tornou possível este trabalho, mostrando uma disponibilidade e uma atenção muito especial, concedendo-me a liberdade e o prazer sobre o estudo da sua bela Quinta na Lourinhã.

Ao meu amigo e Co-orientador professor Arquitecto Augusto, por a sua disponibilidade, sabedoria e importância na minha vida profissional.

***A Deus e ao Espírito Santo, Luz e Sentido da minha vida.***



## ÍNDICE

LISTA DE FIGURAS.....	7
RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
<b>CAPITULO 1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 RELEVÂNCIA DA TEMÁTICA.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 OBJECTIVOS.....</b>	<b>13</b>
<b>1.3 METODOLOGIA E ESTRUTURA.....</b>	<b>14</b>
<b>1.4 ESTADO DA ARTE.....</b>	<b>15</b>
<b>CAPITULO 2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO: CARACTERIZAÇÃO DO CONSELHO E DA VILA DA LOURINHÃ.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 LOCALIZAÇÃO DO CONSELHO DA LOURINHÃ.....</b>	<b>17</b>
2.1.1 ASPECTOS DEMOGRÁFICOS.....	18
2.1.2 ASPECTOS SÓCIO-ECONÓMICOS.....	20
2.1.3 ASPECTOS SÓCIO-EDUCATIVOS.....	21
2.1.4 CARACTERIZAÇÃO CULTURAL.....	22
<b>2.2 VILA DA LOURINHÃ, CARACTERIZAÇÃO DE FLUXOS.....</b>	<b>23</b>
2.2.1 ASPECTOS SÓCIO-ECONÓMICOS.....	24



<b>CAPITULO 3. PROPOSTA DE DINAMIZAÇÃO URBANA PARA A QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ.....</b>	<b>27</b>
<b>FASE 1. ANÁLISE URBANA.....</b>	<b>28</b>
<b>1.1 IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....</b>	<b>29</b>
1.1.1 NÚCLEO HISTÓRICO.....	31
1.1.2 ÁREAS DE EQUIPAMENTOS COLECTIVOS EXISTENTES.....	32
1.1.3 ÁREAS DE PREENCHIMENTO DE NÍVEL 1.....	33
1.1.4 ÁREAS DE RECREIO E LAZER A IMPLEMENTAR.....	34
<b>1.2 ANÁLISE URBANA DA ÁREA DE ESTUDO.....</b>	<b>34</b>
1.2.1 ESQUEMA DO EDIFICADO EXISTENTE.....	35
1.2.2 ESQUEMA DE ESPAÇOS PÚBLICOS / PRIVADOS E ÁREAS VERDES.....	35
1.2.3 ESQUEMAS DOS PRINCIPAIS ACESSOS RODOVIÁRIOS.....	36
1.2.3 ESQUEMAS DOS PONTOS MARCANTES E MAPA DE REFERÊNCIAS.....	38
<b>FASE 2. PROJECTO URBANO.....</b>	<b>40</b>
<b>2.1 IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO.....</b>	<b>41</b>
2.1.1 A QUINTA.....	44
2.1.2 A CASA.....	45
2.1.3 A CAPELA.....	47
2.1.4 AS DEPENDÊNCIAS.....	48
2.1.5 O JARDIM.....	49
2.1.6 A PEDRA.....	49
2.1.7 A PISCINA.....	50
2.1.8 O POMBAL.....	50
<b>2.2 ENQUADRAMENTO NOS SISTEMAS DE GESTÃO TERRITORIAL.....</b>	<b>50</b>
<b>2.3 MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>54</b>



<b>FASE 3. PROJECTO DE ARQUITECTURA.....</b>	<b>65</b>
<b>3.1 MUSEU: MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>66</b>
<b>3.2 RESTAURANTE: MEMÓRIA JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>87</b>
<b>CAPITULO 4. CONCLUSÕES.....</b>	<b>89</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>91</b>



## Lista de figuras:

Figura 1 \_ Localização do conselho, mapa de Portugal

*Fonte* - [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/e6/Freguesias\\_da\\_Lourinh%C3%A](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/e6/Freguesias_da_Lourinh%C3%A)

Figura 2 \_ Localização do conselho e freguesias

*Fonte* – <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lourinh%C3%A3>

Figura 3 \_ Variação populacional entre 1991 / 2001

*Fonte* – *DiagnosticoSectorial.pdf / Câmara Municipal da Lourinhã*

Figura 4 \_ Variação percentual do nível de estudos da população

*Fonte* – *DiagnosticoSectorial.pdf / Câmara Municipal da Lourinhã*

Figura 5 \_ Localização da área de estudo na vila da Lourinhã/ zonas

*Fonte* – *Autor da dissertação*

Figura 6 \_ Esquícios sobre a Rua Visconde Palma de Almeida

*Fonte* – *Autor da dissertação*

Figura 7 \_ Localização, na área de estudo, do perímetro da Quinta de Santa Catarina

*Fonte* – *Google Earth*

Figura 8 \_ Levantamento fotográfico das entradas para a quinta

*Fonte* – *Autor da dissertação*

Figura 9 \_ Levantamento fotográfico dos espaços da quinta

*Fonte* – *Autor da dissertação*

Figura 10 \_ Carta de condicionantes do PDM

*Fonte* – *PDM da Lourinhã*

Figura 11 \_ Excerto da legenda referente às condicionantes do PDM

*Fonte* – *PDM da Lourinhã*

Figura 12 \_ Perspectiva 3D da proposta Urbana

*Fonte* – *Autor da dissertação*

Figura 13 \_ Perspectiva 3D da proposta Urbana

*Fonte* – *Autor da dissertação*

Figura 14 \_ Perspectiva 3D da proposta Urbana

*Fonte* – *Autor da dissertação*

Figura 15 \_ Perspectiva 3D da proposta Urbana

*Fonte* – *Autor da dissertação*

Figura 16 \_ Perspectiva 3D da proposta Urbana

*Fonte* – *Autor da dissertação*

Figura 17 \_ Perspectiva 3D da proposta Urbana

*Fonte* – *Autor da dissertação*



Figura 18 \_ Perspectiva 3D da proposta Urbana

*Fonte – Autor da dissertação*

Figura 19 \_ Perspectiva 3D da proposta Urbana

*Fonte – Autor da dissertação*

Figura 20 \_ Perspectiva 3D da proposta Urbana

*Fonte – Autor da dissertação*

Figura 21 \_ Localização do projecto do museu no existente.

*Fonte – Google Earth*

Figura 22 \_ Localização do projecto do museu na proposta urbana

*Fonte – Autor da dissertação*

Figura 23 \_ Maqueta de estudo de apoio ao esquema volumétrico

*Fonte – Autor da dissertação*

Figura 24 \_ Esboços interiores

*Fonte – Autor da dissertação*

Figura 25 \_ Perspectiva 3D do projecto de arquitectura do Museu

*Fonte – Autor da dissertação*

Figura 26 \_ Perspectiva 3D do projecto de arquitectura do Museu

*Fonte – Autor da dissertação*

Figura 27 \_ Perspectiva 3D do projecto de arquitectura do Museu

*Fonte – Autor da dissertação*

Figura 28 \_ Perspectiva 3D do projecto de arquitectura do Museu

*Fonte – Autor da dissertação*

Figura 29 \_ Perspectiva 3D do projecto de arquitectura do Museu

*Fonte – Autor da dissertação*

Figura 30 \_ Perspectiva 3D do projecto de arquitectura do Museu

*Fonte – Autor da dissertação*

Figura 31 \_ Perspectiva 3D do projecto de arquitectura do Museu

*Fonte – Autor da dissertação*

Figura 32 \_ Localização do projecto de requalificação do restaurante no existente.

*Fonte – Google Earth*

Figura 33 \_ Localização do projecto do restaurante na proposta urbana

*Fonte – Autor da dissertação*



## Resumo

Regista-se actualmente um desenvolvimento da praxis urbana no conselho da Lourinhã, de qualidade e quantidade, muito inferior aos municípios adjacentes. As problemáticas do espaço rural privado e a sua disposição em terreno de expansão urbana da vila sede do conselho, culminam numa urbe desconexa e debilitada, existindo mesmo espaços rurais, de grande dimensão, dentro da malha urbana consolidada. O sistemático exercício de urbanização limita-se ao processo de loteamento avulso, sem qualquer senso e preocupação a nível do diálogo urbano com o ambiente existente, criando uma série de problemáticas ao nível da qualidade de vida dos seus habitantes e das condições necessárias para um ambiente natural e urbano, unitariamente sustentável. A disposição territorial do conselho no panorama Nacional é muito vantajosa, o que potencia fluxos demográficos e turísticos bastante positivos, mas que devido, á falta de equipamentos que suportem e qualifiquem as diversas necessidades deste sector, acabam por não ser proveitosos para o dinamismo e desenvolvimento da vila.

Neste contexto, a presente dissertação tem como objectivo, a análise urbana da Lourinhã assim como a sua identidade local, relacionando o estudo com a zona privada da Quinta de Santa Catarina e elaborando um projecto urbano, de requalificação e dinamização, sobre este espaço inactivo e de importante localização na urbe da vila. A elaboração da proposta, utiliza o diálogo urbano como criação conceptual, com um programa cultural e recreativo para a potencialização e dinamização de novos espaços públicos, propícios á experimentação da vivência social num ambiente sustentável. Culminando por fim na elaboração de um objecto de arquitectura multi-programático como exploração do potencial criado por a praxis urbana, bem como a relação de interiores urbanos e o espaço construído por o por o desenho de arquitectura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diálogo Urbano, Vivência Social, Identidade Local, Interiores Urbanos, Desenho de Arquitectura



## Abstract

There is now a starting practice of urban development on Lourinhã town, with quality and quantity, much lower than the adjacent municipalities. The problems of private rural areas existing on the urban expansion in the town, culminate in a disconnection of the urban network already consolidated. The urban practice strategy is limited to the division of territory in order to construct much as possible, without any sense and concern at the level of urban design and strategies for urban dialog in the existing urban grids, creating a series of problems in the life quality of its habitants and conditions for develop a natural and urban environment, unity sustainable. The village localization in the National territory, is considerate very advantageous, which enhances population and tourist flows very positive, but due to a lack of equipments, that can support and qualify the various needs of this sector, that advantages are not profitable to the dynamism and development of the town. In this context, this dissertation has as objective the analysis of urban area in Lourinhã, as well it local identity code, making them relationship with the private area of Quinta de Santa Catarina, and developing a urban dynamic project, on this rural inactive space, very important and historic, located in the center of the town. The proposal uses the dialog as concept strategy, a program focus on the cultural and creative places, with the objective to the increase and promotion the new public spaces and social experience of a sustainable environment. Culminating finally in the proposal of an architectural cultural object as materialization of the potential created by the urban praxis, with the design of a urban interiors and a quality architectural design.

**KEYWORDS:** Urban dialog, Social Experience, Local Identity, Urban Interiors, Architectural Design.



# **CAPITULO 1.**

## **INTRODUÇÃO**



## 1.1 TEMA E QUESTÃO CENTRAL

Com um grande potencial natural e a boa localização junto da grande área metropolitana de Lisboa, o recente urbanismo da Lourinhã carece de uma estratégia direccionada para a criação de espaços públicos recreativos e culturais que possibilitem novas vivências sociais. A existência de problemáticas no sector da negociação pública com o espaço privado rural, retido ao longo dos anos em área urbana, bem como a coordenação dos diferentes interesses públicos e privados, levou a um urbanismo desprovido de um discurso original, ambiental e social. A falta de elementos que clarifiquem e façam a conexão entre as diversas zonas urbanas existentes, provocam graves lacunas na articulação das mesmas, o que leva a uma condição de rotura sobre o conjunto urbano da vila e à diferenciação da qualidade de vida entre os diversos espaços habitacionais.

O espaço da Quinta de Santa Catarina é o exemplo mais claro do tema acima evidenciado, a sua qualidade tipicamente rural encerrada ao espaço urbano em redor, vem contra as dinâmicas urbanas que são necessárias para o bom funcionamento da vila, para além disso, a pouca clareza com os espaços urbanos nas suas imediações torna este local ainda mais afastado da esfera urbana, existindo mesmo, espaços com problemas sérios de segurança para os transeuntes, que por sua vez não tem qualquer tipo de noção sobre o espaço que ali existe.

A população sendo maioritariamente de origens locais, permanece enraizada com os costumes e tradições que caracterizam esta região, a verdade é que a falta de uma estratégia pedagógica para potencializar e dinamizar a cultura, parece com o passar dos anos remeter á estagnação social, de costumes e tipicidades existentes, envolvendo essa positiva personificação do habitante local, num vazio e globalizado estilo de vida, que não é sistematizado para ambientes urbanos e rurais como os que se verificam. Dentro desta questão está a falta de espaços e equipamentos culturais, conceptualizados sobre o estudo da identidade local existente, que possam eles canalizar e potencializar



novos fluxos culturais, sobretudo incidentes sobre a faixa etária mais jovem.

## 1.2 OBJECTIVOS

A presente dissertação divide-se em três grandes finalidades, que culminam em diversos objectivos, distintos no seu meio metodológico mas indissociáveis para a perfeita assimilação dos seus fins.

A primeira é o estudo e compreensão sobre a área urbana da vila, visto que os documentos referentes a este tema, são quase inexistentes, sobretudo no que respeita às peças desenhadas e esquemas de análise urbana. A articulação dos diversos tipos de espaços urbanos e a sua complexa relação, são o fruto por a qual se poderá criar novas e criativas soluções no capítulo do planeamento e estratégia do espaço em questão. Mais detalhadamente esta fase visa o estudo dos diversos tipos de malhar urbana existente, e as suas concepções formais no que respeita a uma avaliação geométrica e definida por coordenadas, que possibilitará a execução de uma proposta com coerência e devidamente fundamentada

A segunda grande finalidade é a execução de uma proposta urbana que consiga colmatar as diversas problemáticas já referidas no presente documento, a compreensão das diversas necessidades programáticas e o seu necessário enquadramento nos diferentes parâmetros de gestão territorial e municipal. A assimilação do novo espaço urbano público, como agente regulador e criador de dinâmicas entre espaços distintos. Ainda dentro desta, o objectivo de compreender como o ambiente urbano se pode relacionar com a sustentabilidade natural e como estas duas esferas de estudo podem ser de comuns no processo de elaboração da proposta.

A terceira fase, é a criação do objecto arquitectónico, que visa a procura prática entre a articulação do processo urbano e o processo de arquitectura, as suas vertentes de interdisciplinares e a forma como o



último pode materializar o potencial elaborado no primeiro. Para além da compreensão da importância deste diálogo, a última fase, visa também a correcta elaboração da parte prática do projecto de arquitectura, a importância da representação e expressão do desenho técnico bem como as mecânicas de articulação interior e o correcto funcionamento do edifício. Na sua vertente espacial e construtiva.

### 1.3 METODOLOGIA E ESTRUTURA DA TESE

Esta dissertação/projecto está dividida em três fases distintas, acompanhadas por um corpo teórico, explicativo e justificativo sobre os desenhos realizados.

1ª Fase. É composta por uma metodologia de análise ao urbanismo da vila da Lourinhã, recorrendo a esquemas e avaliações do espaço em formato planificado.

A estrutura da mesma, parte do levantamento completo das situações urbanas existentes e a sua articulação: malhas urbanas, zonas, edificado e vias.

A falta de documentos neste sentido caracteriza esta fase, por um prolongamento temporal superior ao previsto no plano da dissertação previamente elaborado. O trabalho de grande escala prevê uma primeira abordagem ao local da intervenção.

2ª Fase. A análise fenomenológica sobre a área de intervenção, uma visão crítica sobre o espaço e identificação da sua identidade local.

A articulação do conteúdo da primeira fase com o diálogo proveniente da segunda, culminam numa proposta urbana de espaços e ambientes, que não é apresentada, com detalhada e rigorosa, especificação técnica, mas segundo um plano estratégico de dinâmicas e soluções pretendidas.

3ª Fase. Primeiramente é elaborada uma pesquisa sobre um breve estado da arte no que respeita aos equipamentos museológicos,



---

**QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO**

segundo-se do conseqüente estudo das suas necessidades programáticas e das suas disposições técnicas.

Sendo o culminar de toda a estrutura a articulação entre o desenho técnico e criativo da arquitectura, com o meio urbano e a sua dialéctica formal e espacial interior/exterior, para a correcta integração e experimentação social.



## **CAPITULO 2**

# **ENQUADRAMENTO TEÓRICO: CARACTERIZAÇÃO DO CONSELHO E DA VILA DA LOURINHÃ**



## 2.1 LOCALIZAÇÃO DO CONSELHO DA LOURINHÃ

O conselho da Lourinhã, distrito de Lisboa está localizado no litoral de Portugal, sub-região do Oeste, 65 km a norte da capital portuguesa, com 25.377 XX, número total de habitantes e uma área de 147, 2 km<sup>2</sup>, distribuída por 11 freguesias.

É delimitado a Norte, por os municípios de Peniche e Óbidos, a Este, por o conselho do Bombarral e Cadaval, a Sul, por Torres Vedras e a Oeste por o oceano Atlântico. Com 12 km de costa atlântica, o território é de uma beleza natural esplêndida, que se caracteriza por um ambiente selvagem e rural, muito típicos das zonas saloias portuguesas.

O clima é temperado, com a predominância de ventos de Noroeste fortes e uma humidade relativa alta. A proximidade com

o oceano, sempre foi um factor característico desta zona, o que se pode verificar nas produções agrícolas, maioritariamente de produtos mais resistentes a estas condições.



Figura 1 – Localização do conselho, mapa de Portugal



### 2.1.1 ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

A sua proximidade com uma grande zona metropolitana os aspectos geográficos paisagísticos que detém, caracterizam este território, por algum dinamismo demográfico e económico, sendo que estes, positivos e negativos, vêm de encontro com os acontecimentos e as estatísticas demográficas registadas a nível nacional. Sobre estes valores é de referir que na última década o município tem vindo a registar um crescente número de habitantes, reacção positiva a um período menos favorável durante a década de 70 onde o êxodo rural, característico da crise política da época diminuiu os valores em todo o conselho. Em termos urbanos é de referir que apenas uma freguesia é considerada urbana APU (Lourinhã), as outras são distribuídas por a classificação de mediamente urbana (7) e predominantemente rural (3).

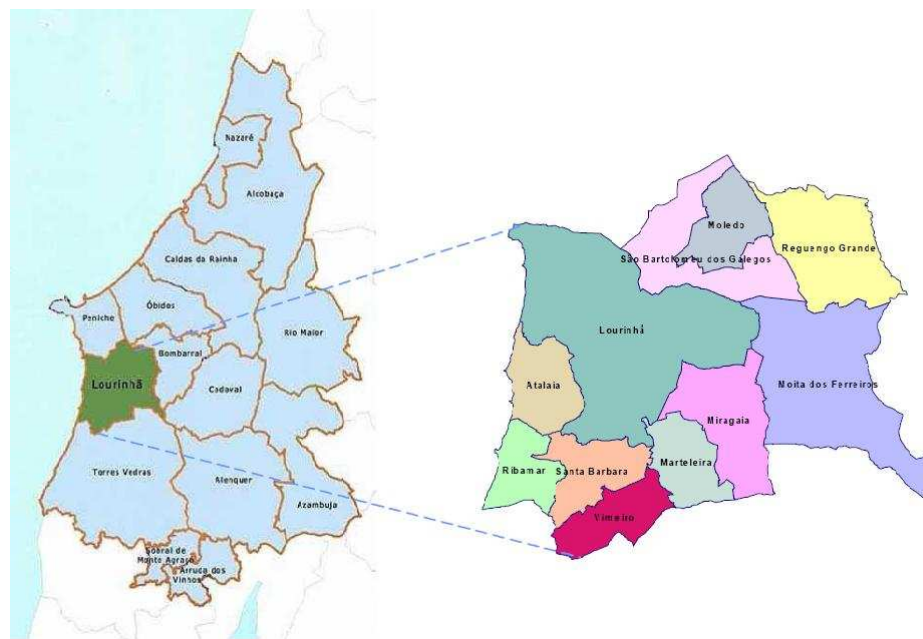


Figura 2 – localização do conselho e freguesias

Em termos de dinâmicas demográficas o território pode dividir-se em três partes distintas:



### QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO

- Uma primeira parte mais desenvolvida e de fluxos mais acentuados, sendo constituída por as freguesias mais litorais, englobando a freguesia da Lourinhã.
- Uma segunda parte, apelidada de transição, que tem como factores a localização central do conselho e características de conexão entre as freguesias adjacentes.
- Por ultimo uma terceira parte, constituída por as freguesias mais interiores e que de características demográficas mais regressivas.

	PR 91	PR 2001	Var. Pop. 81/91 (%)	Var. Pop. 91/2001 (%)
Região LVT	3 296 715	3 468 869	0.9	5.2
Região Oeste	359 430	394 487	1.3	9.8
<b>Concelho da Lourinhã</b>	<b>21 596</b>	<b>23 265</b>	<b>1.7</b>	<b>7.7</b>
Lourinhã	7 615	8 797	*	15.5
Atalaia	1 498	1 555	*	3.8
Marteleira	1 613	1 538	*	-4.6
Miragaia	1 676	1 670	*	-0.4
Moita dos Ferreiros	1 794	1 740	*	-3.0
Moledo	479	425	*	-11.3
Reguengo Grande	1 587	1 562	*	-1.6
Ribamar	1 889	2 080	*	10.1
Santa Bárbara	1 298	1 414	*	8.9
S. Bartolomeu dos Galegos	1 044	1 041	*	-0.3
Vimeiro	1 103	1 443	*	30.8
Fonte: INE, RGP 1991 e 2001				

Figura 3 – Variação populacional entre 1991 / 2001

Procedendo à análise gráfica, podemos constatar estas afirmações, verificando que a cede do conselho Lourinhã (16%), freguesia de Ribamar (10%) e do Vimeiro, a sul do conselho (31%) são as zonas que na última década apresentam uma maior consolidação demográfica, verificando no sentido contrário as freguesias do interior; Marteleira (-5%) e Moledo (-11%) um valor negativo. As razões para a crescente migração, externa e interna, para as zonas mais consolidadas do conselho, estão particularmente relacionadas com a qualidade de vida existente, que apesar de não ser elevada consegue mediar um vasto número de serviços e rápido acesso ao maior centro urbano do país, com um ambiente natural de grande qualidade e beleza inserido num território maioritariamente rural.



### 2.1.2 ASPECTOS SOCIO-ECONÓMICOS:

Os aspectos da subsistência económica no conselho estão intimamente relacionados com as actividades da pesca e da agricultura, apesar de actualmente não deterem uma importância preponderante, foram estas actividades que proporcionaram o dinamismo e disposição espacial dos diferentes aglomerados sociais existentes, que na sua origem remetem para a típica disposição saloia, onde pequenos aglomerados de habitações familiares foram ganhando proporção com o crescendo das actividades rurais e os novos acessos construídos.

Actualmente na agricultura apenas a típica pêra rocha do oeste consegue dinamizar anualmente o mercado e trazer postos de emprego provisórios assim como volume económico relevante para a economia do conselho, não obstante disto é conhecido o vasto leque de produtos típicos de excelência desta zona, como por exemplo a aguardente vínica demarcada da Lourinhã. Apesar de um volume de produção pouco elevado, a agricultura da região subsiste a nível familiar e de negócio do excedente ao mercado. A qualidade de uma mão-de-obra permanente existente na zona em abundância e o facto de não estar na rota das grandes explorações a nível nacional, actua como que um factor de intemporalidade na região, podendo-se constatar muitas vezes vestígios típicos da tradicional lavoura. No sector das pescas a região detém típicas e belíssimas aldeias piscatórias, em tempos com volume e fluxos de mercadoria satisfatório, mas hoje em dia apenas o negócio familiar de pequenas dimensões e a pesca desportiva ainda subsistem nestes locais.

É no negócio terciário que á semelhança do que acontece em vários conselhos adjacentes se tem vindo a notar um crescente desenvolvimento, claro está nas zonas mais consolidadas especialmente Lourinhã e Ribamar, o número de serviços e estabelecimentos comerciais é elevado e apesar de não existirem epicentros com grande expressão espacial, podem ser referenciados os centros históricos destas vilas, como detentores de um maior fluxo de negócio.



## QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO

O turismo é reconhecidamente no conselho o grande investimento futuro para o dinamismo económico da zona. Com aproximadamente 12 km de praias em costa Atlântica, uma importância histórica relevante e a descoberta de fósseis pré-históricos, que contribuíram para um riquíssimo espólio museológico, o municio da Lourinhã tem actualmente um fluxo de turismo positivo, que é parte importante a existência de novos fluxos no conselho, mas ainda, muito abaixo dos conselhos vizinhos; Peniche, Torres Vedras e Óbidos. A expressão a nível de região Oeste é apenas de 2% o que demonstra uma negativa capacidade de converter as qualidades existentes, em fluxos e equipamentos de qualidade para o conselho.

Em relação á vertente industrial da economia no conselho, é possível referir que esta é baixa, salvaguardando as unidades industriais agropecuárias com bom volume de produção e que colocam o conselho na liderança da zona oeste neste sector, o impacto da indústria na disposição territorial do conselho e a sua importância socioeconómica não é de grande preponderância, convém referir que, mesmo assim, sendo um ambiente frágil devido ao factor escala e unidade industrial, a extinção destas poderá causar grande impacto na socioeconomia do território.

### 2.1.3 ASPECTOS SOCIO-EDUCACIONAIS:

Zona	Nenhum nível de ensino	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Ensino Secundário	Ensino Médio	Ensino Superior
Portugal	14.2%	35%	12.5%	10.8%	15.8%	0.8%	10.9%
Lourinhã	16.7%	<b>39.2%</b>	14.6%	11%	12%	0.4%	6%

Fonte: INE, Censos 2001

Figura 4 – variação percentual do nível de estudos da população

A uma rápida análise da tabela, pode concluir-se que os níveis educacionais no conselho estão abaixo da média nacional, sendo que apenas nos graus mais baixos de educação, existem valores mais elevados. O nível de analfabetismo 11,7% XX é também maior que o da média nacional, vindo este a concentrar-se sobretudo no contingente feminino, como é típico no panorama português.



## 2.1.4 CARACTERIZAÇÃO CULTURAL

Com origens numa antiga vila romana, o nome Lourinhã é tão antigo como o tempo e o lugar que consagra a vila. As raízes culturais da vila e conselho são típicas das povoações saloias, com estrutura agrícola em sistemas de pousio. Ainda hoje as grandes estruturas familiares e a importância das mesmas são características das populações existentes do conselho. Um pouco por toda a parte existe algum nível de coligação familiar entre as populações existentes na região. É sabido que a arte de bem receber e a simpatia são costumes característicos do povo português, a população deste conselho não é excepção, mas as remotas origens barbas e árabes, continuam a ser visíveis, não só em termos da arquitectura e da disposição dos espaços, como também na rudeza da personalidade dos seus habitantes. O sentido de privacidade e a tendência para algumas complexas manifestações de insatisfação são raízes culturais que marcam a maneira de viver em sociedade dos habitantes do conselho.



## 2.2 VILA DA LOURINHÃ: CARACTERIZAÇÃO DE FLUXOS.

Localizada na faixa Oeste do conselho fica situada a vila da Lourinhã, com cerca de 8.797 XX habitantes, sendo a maior das freguesias existentes. Única área urbana qualificada das 11 freguesias, a Lourinhã é sede de conselho e é centro das principais actividades económicas, sociais e políticas, como é característico das divisões municipais do sistema português. Com um peso aproximado de 38 % na demografia de todo o conselho, a vila assume-se como o ponto onde existem maiores fluxos e densidade populacional. As migrações para a vila são de alguma frequência, especialmente por fluxos vindos dos grandes centros urbanos congestionados e imigrantes de outros países, número já considerável no somatório de toda a população. Em termos de migração interna, esta também existe, sendo que a criação de novos posto de emprego recentemente é um dos principais factores. É possível afirmar que apesar de muito tradicional e maioritariamente constituída por gerações familiares com origens nesta zona, o centro urbano está hoje vivenciado, por variados grupos étnicos, com origens, costumes e necessidades diferentes.

A sua localização e clima fazem desta região, um ponto de grandes fluxos turísticos especialmente nas alturas balneares, Esta movimentação já é antiga, mas apenas caracteriza dois tipos de fluxos distintos:

- Movimentações diárias e rápidas, sem estadia, devido á falta de condições de alojamento temporário que possa receber e fidelizar fluxos turísticos de maior intensidade.
- A aquisição de imóveis habitacionais por parte de famílias sobretudo vindas de centros urbanos maiores, com o objectivo de uma exploração turística mais regular, e que se verifica mais tarde na transformação para habitação constante.



## 2.2.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA

Sendo o único centro urbano existente é normal que a vila da Lourinhã seja sede da maioria do tecido empresarial do conselho, o sector do retalho é o principal factor de criação de riqueza dentro do seu perímetro urbano, sendo o negócio terciário também se assume bastante desenvolvido, ao longo de toda extensão publica de vias e galerias comerciais. Recentemente o crescente interesse sobre o sector da alimentação, especialmente com a construção de dois novos hipermercados, a juntar ao único existente, possibilitou a criação de novos postos de emprego e uma concorrência de mercado, bastante atractiva para o consumidor, isto no que respeita ao factor qualidade/preço. Todavia a existência destas novas superfícies, independentemente das suas estratégias sustentáveis, veio debilitar ainda mais o sector tradicional existente na vila, o que levou a alguma instabilidade neste sector.

No que respeita a indústria, esta está pouco desenvolvida, não existindo um parque industrial em todo o município, existe um sector mais desenvolvido e com o intuito de ser industrializado, mas apenas pequenas indústrias de transformação e algumas cedes empresariais compõem essa área, que mesmo assim dista do centro urbano não está estrategicamente conexas.

A agricultura é a praticada no resto do conselho, com algumas explorações privadas de maior dimensão que abastecem o mercado local e que são preponderantes sobretudo para garantir que os níveis já negativos entre a exportação/importação municipal, não sofram um maior acréscimo.

No sector do turismo a vila da Lourinhã assim como todo o conselho, carece fortemente de equipamentos hoteleiros. A existência de fortes atracões turísticas, sobretudo a praia da Areia Branca, cria um nível de fluxo turístico muito apreciável, factor que não sendo devidamente explorado, é de baixa importância para a economia da freguesia. Neste sector, o negócio imobiliário de habitação permanente, e a indústria da construção privada são os mais lucrativos, mesmo assim este tipo de



## **QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO**

---

acção apenas está direccionado para os processos de loteamento avulso que surgem nas imediações urbanas da vila. Este processo sem uma estratégia turística á priori, torna o espaço construído pouco atractivo e sem qualquer tipo de qualidade urbana.

O negócio imobiliário do sector da construção está neste momento em decréscimo acentuado, esta situação verifica-se em todo o país, o crescendo processo, de loteamentos sem uma integração urbana qualitativa, de habitações privadas em terrenos rurais, e a inexistente estratégia sobre o perímetro de expansão urbana da vila, culmina na desordem total sobre as conexões entre a urbe da vila e o território em redor.

Existe hoje um processo de retracção na aquisição de novos imóveis, a problemática do crédito mal parado e da contracção de empréstimos, leva a queda da procura no sector imobiliário, sobretudo na habitação unifamiliar. Existe hoje um elevado número de imóveis por negociar, com uma estimativa negativa para o prazo da sua venda, criando assim autênticos vazios de alvenaria e betão. Com estas incidências, nota-se um tímido crescente sobre interesse no imóvel urbano, que muitas vezes resulta em acção de aluguer, o cliente agora com níveis reais de investimento na habitação, opta por um processo de aquisição mais em conta, que tenha mais garantias de qualidade de vida e sustentabilidade a longo prazo. A vila da Lourinhã sendo um ambiente urbano pouco densificado, conta com uma oferta reduzida no capítulo da habitação, se comparada com as outras cedes de conselhos vizinhos. Mesmo assim com novas zonas a urbanizar e uma recente política urbana de expansão, este problema tende a melhorar e a aumentar os níveis de opção de compra para as famílias.

A tradição cultural da região prende-se muito com os antigos eventos característicos das pequenas povoações cristãs, a festa em honra de um santo padroeiro e os habituais tempos festivos, são o principal motivo de fluxos culturais e até turísticos das pequenas aldeias e mesmo da vila sede do conselho. Para além destes eventos o interesse social por os aspectos culturais é quase nulo, não existindo ao longo



---

**QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO**

destes anos uma pedagogia estratégica para cultivar esta tão importante vertente da vida social.

No aspecto actual da promoção de eventos e actividades culturais, é possível afirmar uma maior dinâmica na última década, devido a uma população mais jovem com novas influencias e interesses, tendo criado fluxos culturais de alguma relevância, mesmo assim, muito longe dos conselhos vizinhos. Existem alguns equipamentos culturais: um pequeno museu municipal, um auditório privado, skatepark e alguns espaços públicos de comunhão social, frequentemente é utilizada a igreja do Castelo para eventos musicais e teatros.

Apesar disso a necessidade de uma estratégia cultural bem planeada, assim como a sua vertente urbana e arquitectónica, são necessárias, no sentido de criar novos espaços experimentais públicos, onde as funcionalidades técnicas necessárias consigam integrar um complexo sistema de atractivos, que incentivem a vivência e a viciação no seu espaço, criando rotinas de fluxos culturais bem acima do que tem acontecido até agora. Será este o ponto de maior fragilidade da vila, todas as questões adjacentes, como a vertente económica, educacional, social e turística, serão dinamizadas se existir uma preocupação e estratégia cultural usando os excelentes recursos materiais e o potencial humano existente.



## **CAPITULO 3**

# **PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO E DINAMIZAÇÃO URBANA PARA A QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ.**



# FASE 1: ANÁLISE URBANA



## 1.1 IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Na sequência das pesquisas e análises teóricas, foi definida como área de estudo urbano, uma zona central da vila da Lourinhã. Com uma área total de 277.340m<sup>2</sup>, o perímetro escolhido justifica-se com a presença de uma série de elementos urbanos e naturais, que na sua comum existência e diferente concepção, criam uma interessante complexidade espacial, importante de ser estudada. A referência espacial visada com estas análises será o vazio urbano da quinta de santa Catarina que posteriormente será alvo de uma intervenção.

Os limites da área em estudo são pontuados por o sistema de vias existentes, espaços de relevância urbana e a ribeira do rio grande. A Norte a Praça José Máximo da Costa e os edifícios de serviços municipais, criam a nova centralidade existente na vila, a Oeste a rua pedonal João Luís de Moura e a rua Almirante Reis definem a zona histórica da cidade, a Sul a avenida de Angola e a N8-2 registam o limite que pertence às novas zonas urbanas da vila, por fim a Este a avenida Dr. Catanho Menezes e a ribeira do rio Grande fazem o contorno á zona ribeirinha e ao estádio do Lourinhanense.

Uma das primeiras análises à área em estudo, incide sobre as diferentes zonas existentes e as suas características diferenciadas. Na imagem 5, podemos constatar que apesar da pequena área urbana da vila, a diversidade de espaços existentes é elevada, sem uma conexão urbana aparente, mas um sistema típico da expansão urbana não cuidada de pequenos aglomerados como o da vila em estudo.





### 1.1.1 NÚCLEO HISTÓRICO:

O centro da criação urbana da vila, a zona onde primeiramente se aglomeraram os primeiros grupos populacionais e se fizeram as primeiras trocas e mercados comerciais, situada a Sudeste da igreja de Santa Maria do Castelo, é defendida a teoria que poderá ter sido formada devido á existência desse mesmo Castelo (de que não há vestígios claros e que terá desaparecido antes do séc. XIV). A localização na encosta do monte onde se situa a igreja, remete-nos para o possível confirmação dessa mesma teoria, mas se analisar-mos a sua disposição urbanística mais a Sul, sobretudo a linearidade das ruas paralelas à rua João Luís de Moura, podemos constatar que o crescimento urbano desta zona, se deve em parte ao aparecimento de novas vias de circulação, e de dois espaços importantes, o convento de Santo António situado a Norte e a Quinta de Santa Catarina, (imagem 5 com a linha a vermelho da zona a intervir), ambos do séc. XIV.

As ruas estreitas e a proximidade de fachadas esguias, com geralmente dois pisos (comércio e habitação), caiadas de branco com o típico lambrim pintado, dispõem-se segundo uma tectónica e deformação, tipicamente característica da vila medieval, o seu dimensionamento e organização quase que claustrofóbico, remetem a um percurso, que estranhamente parece ter sido planeado por os mais contemporâneos urbanistas da actualidade e que culmina com a clareza do espaço publico situado de frente para o Convento se Santo António. A complexidade das vias públicas e dos pequenos pátios interiores, remetem para os objectivos de sustentabilidade elementares nesta região, que são a ventilação de verão e a protecção de inverno sobre os fortes ventos atlânticos que se fazem sentir. A caracterização do espaço público e privado é bem delimitada, o espaço privado é feito dentro do edifício, sendo o pequeno pátio existente central uma extensão exterior ao mesmo, mas com um estreito cariz de comunidade, as vias por outro lado são os espaços públicos de negócio e comércio, onde se continua a constatar os típicos fluxos diários dos habitantes e a sua actividade.



### 1.1.2 ÁREAS DE EQUIPAMENTOS COLECTIVOS EXISTENTES:

Com a área histórica bem delimitada, podemos constatar uma segunda fase de crescimento urbano que a vila sofreu. Essa fase está dividida em dois processos.

O primeiro processo está directamente relacionado com a criação de serviços, necessários á subsistência de um ambiente urbano em crescimento, podendo constatar na figura 5, um semi-anel de edificações de maior dimensão em redor do núcleo histórico. Estes serviços distribuídos por a educação, o desporto e serviços estatais, são as primeiras ligações ao modernismo que a vila sofreu, muitos dos edifícios datam da década de 70 e não mais são utilizados para as funções que foram concebidos, mas sim espaços temporários para outras actividades, na lista de espera para novos equipamentos específicos.

O segundo processo está ligado com o primeiro e resulta na recolocação ou expansão dos serviços já existentes em novas áreas urbanas, com a modernização dos mesmos, sendo que os alguns dos espaços em redor do núcleo urbano ficaram em desuso.

Um dos principais problemas destas zonas foi a estratégia utilizada na primeira fase do processo, onde a estratégia utilizada, apenas visava a solução urbana de serviços a curto prazo e por isso a sua rápida falência. Quanto á actual política de equipamentos e zonas propostas para os mesmos, é notório que a proximidade espacial com a primeira linha do processo, torna o ambiente urbano muito carregado desse tipo de zona, sem existir uma mediação da mesma com novas zonas habitacionais, comerciais e de lazer, o que pode resultar numa segunda falência desta nova estratégia e a consequente necessidade a curto prazo de um terceiro processo de intervenção.

Apesar disto, a carência de equipamentos de lazer e de cultura, abrem a possibilidade de uma reestruturação sobre os espaços de antigos serviços em desuso, o que seria uma boa estratégia urbana visto



estarem situados perto do núcleo histórico e zonas habitacionais podendo facultar uma melhor qualidade de vida á população.

### **1.1.3 ÁREAS DE PREENCHIMENTO DE NÍVEL 1**

Caracterizadas como zonas urbanas consolidadas estas áreas datam de um urbanismo do inicio da década de 70, á semelhança do primeiro processo de criação de serviços e equipamentos colectivos, foi necessário a criação de novas zonas urbanas de habitação. Se analisarmos a mancha destas áreas, podemos referenciar a Sul da vila uma primeira malha urbana que envolve a zona de equipamentos e o núcleo histórico tendo fim na N8-2. Toda esta nova zona urbana advém de um processo de negociação da propriedade privada da Quinta de Santa Catarina, que até á década de 70 tinha uma extensão bastante maior á que tem hoje, estendendo-se a sul da vila. Os difíceis processos de expropriação dos terrenos rurais da quinta, culminaram na sua redução a uma área de 28.564m<sup>2</sup>, que ainda subsiste entre as duas diferentes malhas urbanas da vila, (zona histórica e novo urbanismo moderno). O modernismo típico português á data, culminou num processo de construção de edifícios habitacionais, maioritariamente de 1+3 pisos (comércio/ habitação), com largas vias de circulação e estacionamento automóvel á proporção. A estratégia e o ambiente criado nessas novas zonas é considerado bem sucedido e com o nível de qualidade de vida apreciável por os moradores. A ligação desta área com a zona histórica é que não tem qualquer tipo de conexão, as disposições urbanas e as tipologias usadas, comuns do urbanismo da época, são abruptamente distintas da típica e complexa silhueta urbana do núcleo histórico. O facto da Quinta se encontrar entre estes dois ambientes urbanos distintos, não será a causa para as suas tão diferentes e distantes características, aliás, é em parte devido á sua dimensão e localização, que foram evitados alguns erros e males maiores, sobre a acção do urbanismo moderno em pleno núcleo histórico, continuando este a manter a sua original distribuição.

Quanto às restantes áreas habitacionais que se prolongam a Sul depois da malha urbana dos anos 70, é de frisar a construção de alta



densidade, com vista á criação de uma nova consolidação urbana sobretudo no sentido da habitação familiar e do comércio. Após este processo da década de 90, não existiram foram consolidadas mais nenhuma áreas urbanas, sendo que, existem já estratégias de expansão urbana da cidade, sobretudo na área a norte do rio Grande. O deslocamento de equipamentos como a escola secundária e o novo quartel dos bombeiros, é um exemplo da tentativa de criar novos fluxos de construção e investimentos nessa área por parte do município.

#### **1.1.4 ÁREAS DE RECREIO E LAZER A IMPLEMENTAR**

Esta zona está demarcada em solo de reserva agrícola natural (RAN), a existência da pequena ribeira e o facto de ser uma zona muito propícia a inundações fizeram com que este espaço nunca fosse muito explorado em termos urbanos. Actualmente encontra-se vazio, com um pequeno equipamento enamore desportivo, que quase parece uma caricatura a acção estratégica proposta para essa zona. A dependência da vila da lourinha, sobre a ribeira do Rio Grande, nunca foi elevada, apesar disso este braço de água em tempos foi navegável e poderá estar na origem para a própria localização da vila e do seu suposto castelo. Com a retracção do nível das águas, a ribeira deixou de ter qualquer tipo de utilidade sendo apenas utilizada para, o escoamento de esgoto e a retenção fluvial.

A situação desta zona é das mais críticas do urbanismo existente na vila, o facto de ser uma zona de vazio urbano sem qualquer qualidade urbana, cria o distanciamento entre as duas margens da ribeira, sendo que o sucesso da nova expansão urbana para Este da ribeira, estará muito dependente da maneira como este espaço seja resolvido em termos de desenho urbano.

### **1.2 ANÁLISE URBANA DA ÁREA DE ESTUDO**

*Com a intenção de uma análise mais técnica á zona em estudo foram realizados vários desenhos e esquemas que são apresentados na sua totalidade na fase 1 do anexo de peças desenhadas. Devido á inexistência de peças desenhadas que permitissem o trabalho sobre o*



*ambiente construído á escala urbana, foi realizado um levantamento através de imagens de satélite, com uma precisão muito aceitável para a escala utilizada (deformação de 20cm a 50cm sobre a implantação de edifícios). A fonte desta informação, posteriormente transformada e trabalhada por o autor da dissertação, é o site [www.lusiglobo.com](http://www.lusiglobo.com).*

### **1.2.1 ESQUEMA DO EDIFICADO EXISTENTE** (anexo de desenhos 1.9).

A distinção das diferentes funcionalidades a nível do edificado existente, comprovam os termos teóricos anteriormente mencionados. A zona do núcleo histórico está bastante menos densificada em termos de população por unidade de habitação, mas é mais densa em termos do edificado habitacional existente. A sua relação com os equipamentos existentes traduz-se numa maior qualidade de vida para os habitantes inseridos nesta zona. O acesso sem necessidade de meio de transporte á maioria dos serviços necessários e a recente requalificação da via pública, coloca esta zona, na preferência dos habitantes da vila. Como é possível constatar no anexo, onde através de simples questionários se procedeu á elaboração de um quadro mental dos habitantes locais e das suas interpretações sobre o mapa da vila.

A contabilização e qualificação do edificado existente, leva a interpretações variadas e vários aspectos importantes sobre a disposição urbana da vila, sendo a mais importante, a ter em conta para a proposta urbana realizada, é o facto da inexistência quase que absoluta de equipamentos culturais. Um segundo factor bastante importante também, é a existência pontual de edificações em ruína ou não utilizadas, algumas com valor histórico passível de ser recuperadas e outras com uma localização espacial bastante interessante, passíveis de ser reabilitadas.

### **1.2.2 ESQUEMA DE ESPAÇOS PÚBLICOS / PRIVADOS E ÁREAS VERDES** (anexo de desenhos 1.10).

A separação do espaço público / privado na zona urbana da vila é relativamente simples de ser analisado. No núcleo histórico da vila, o trânsito está condicionado a cargas e descargas, tornando as vias de



## QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO

---

circulação propícias ao comércio tradicional, ao convívio social e ao ambiente público saudável dos locais. Apesar de uma malha densa dos quarteirões, a existência de pátios no seu interior, possibilita uma dinâmica muito interessante para a disposição espacial desses locais, dando margem e soluções á expansão e evolução dos ambientes privados e semi-públicos ali formados. As debilidades nesta zona prendem-se sobretudo com o estacionamento automóvel devido, ao sua estrutura urbana não estar originalmente planeada para esse tipo de objecto de circulação. No capítulo dos espaços públicos, o núcleo histórico conta ainda com pequenos apontamentos espaciais de grande interesse como largos e a praça do Convento se Santo António, sobretudo bastante frequentada por a população mais envelhecida.

No que respeita às zonas consolidadas da nova malha urbana, é de constatar que os espaços públicos das vias ganham maiores proporções relativamente á zona antiga, mas o seu aproveitamento para o convívio social acaba por ser reduzido devido ao espaço de circulação e estacionamento automóvel.

De importante referência e análise, a escassa existência de espaços verdes e recreativos, que possam reforçar o convívio social, a sustentabilidade natural e mesmo as dinâmicas culturais, que esses tipos de espaços conseguem criar.

### **1.2.3 ESQUEMAS DE INTENCIDADE DE FLUXOS E ACESSOS RODOVIÁRIOS.**

*(anexo de desenhos 1.11).*

O conselho da Lourinhã está bem localizado geograficamente em relação à capital portuguesa, como tal a rápida ligação às principais redes viárias do país são uma mais-valia para o desenvolvimento da região, principalmente para o seu território urbano. A Lourinhã tendo três sistemas de vias distintos, não tem problemas de maior com o tráfego auto-móvel, apenas o seu sistema arterial é diariamente alvo de fluxos de trânsito mais elevado que por vezes levam a algumas situações mais demoradas na sua circulação, sendo que também, na



época balnear e devido á proximidade com as zonas de costa, o trânsito pode sofrer complicações.

Apesar da pouca problemática no trânsito, a má organização de um sistema secundário de distribuição viária, pode num futuro próximo vir a causar problemas, se a expansão urbana da vila se vier a concretizar, o escoamento de trânsito da rede arterial, de momento, não tem qualquer tipo de alternativa possível de solucionar problemas de engarrafamentos.

A localização da nova estação de camionagem e da praça de táxis, veio trazer uma melhor fluidez de fluxos de transportes públicos. Este equipamento está junto ao nó principal de distribuição da vila, a sua localização é bastante positiva no sentido que consegue estar centralizada sobre o núcleo da vila e ao mesmo tempo estar directamente conectada com o sistema arterial viário. De referir que sendo a bifurcação entre os fluxos exteriores ao conselho e as ligações internas do mesmo, este espaço recebe todo os principais fluxos turísticos da zona, e por isso o seu tratamento urbano em redor deverá ser cuidado no sentido de receber, potencializar e canalizar estes fluxos para a vila.

### **1.2.3 ESQUEMAS DE ZONEAMENTO E REFERÊNCIAS DA VILA. (anexo de desenhos 1.12).**

*Esta análise tem como base a informação recolhida, proveniente da apreciação de alguns habitantes da vila da Lourinhã. A sua informação é preciosa no sentido de referenciar as mais-valias e lacunas existentes no urbanismo da vila sobre a visão do habitante local. Os dados apresentados provêm de uma apreciação média e generalizada sobre os comentários, a falta de elaboração de relatórios e inquéritos, anula a possível real relevância do conteúdo, mas mesmo assim são apresentadas as suas conclusões e tidas em conta na elaboração da proposta.*



## **QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO**

---

Em geral devido ao reduzido ambiente urbano da vila, o habitante local, tem a plena percepção das diferentes zonas existentes, A distinção entre a “zona antiga da vila” e as novas zonas urbanas das últimas décadas é bem elaborada e justificada com a enumeração dos seus limites e alguns edifícios mais relevantes. Os edifícios mais referenciados estão assinalados com círculos laranja e situam-se, maioritariamente na zona da praça José máxima Da Costa, este espaço é também referenciado no que diz respeito aos espaços públicos de qualidade na vila, que estão assinalados com círculos verdes.

Analisando as zonas onde existem mais referências a edifícios e espaços públicos, podemos retirar a conclusão que a zona norte da vila, sendo composta por o núcleo histórico e uma zona de equipamentos relevantes, é passível de um reconhecimento e orientação mais detalhado por parte do habitante local. Nas zonas a Sul da vila onde se situam a nova malha urbana e a Quinta de Santa Catarina é notório que a decresce existência de edifícios e espaços de interesse mapa elaborado, e o aumento dos pontos viários referentes aos nós mais importantes de circulação.

Concluindo a análise do mapa, podemos considerar que existe uma primeira zona urbana, onde o habitante se orienta por edifícios e espaços públicos sociais, caracterizando-a por uma apreciável qualidade espacial. Quanto á segunda zona sendo bastante diferenciada da primeira, o habitante local tem como principais referências os nós de circulação viária, não existindo pontos marcantes, considera a zona apenas de passagem, ou meramente residencial, não tendo uma apreciação formada em relação ao espaço.

A zona da Quinta de Santa Catarina é no panorama mental do habitante local, praticamente desconhecida, á excepção das faixas etárias mais envelhecidas da vila e os habitantes do edificado adjacente aos limites da quinta. A existência deste espaço que não tem qualquer tipo de funcionalidade actualmente, nem qualquer tipo e poucas referências dedicadas ao meio urbano, coloca este lugar num patamar de inexistência total, não só em termos espaciais, como é possível



---

**QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO**

constatar no mapa, mas também em termos históricos e culturais. O habitante local, não tem qualquer tipo de conhecimento histórico e cultural do espaço da quinta.

Ao nível de distribuição e localização urbana, é notório que o facto de tão grande área pertencer desconhecida para a maioria dos habitantes, a sua leitura do espaço é um pouco confusa, no que diz respeito sobretudo, aos distanciamentos e referências espaciais no terreno.



## FASE 2: PROJECTO URBANO



## 2.1 LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA QUINTA DE SANTA CATARINA (área de intervenção)

*Diferentemente do tipo de análise urbana que caracteriza a primeira fase desta dissertação. A segunda fase visa a elaboração de uma proposta urbana para o espaço da Quinta de Santa Catarina, na Lourinhã.*

*Sendo um espaço privado, sem qualquer influência activa nas dinâmicas sociais e urbanas da vila, a formulação de uma proposta urbana e arquitectónica, apenas com base nas análises articuladas anteriormente, correria o risco de se tornar excessivamente elementar, desprovida de um sentido humano, crítico sobre a realidade do objecto existente.*

*Como tal, através de uma análise fenomenológica realizada por o autor da dissertação, foi feita a caracterização do local, verificando-se este método, essencial para a elaboração e justificação da proposta final.*

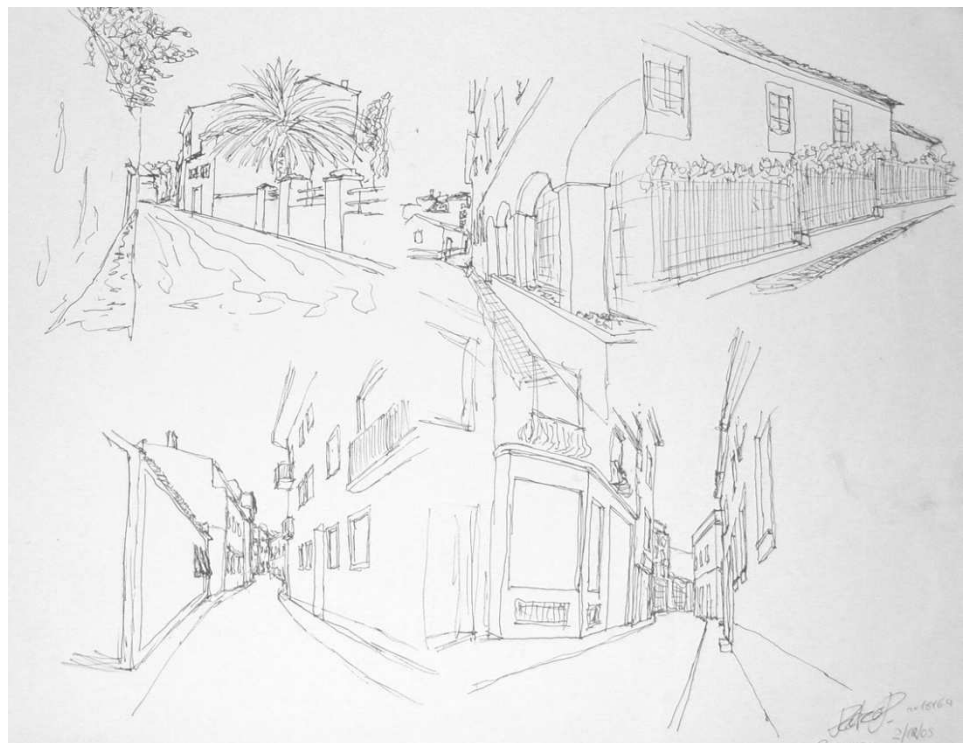


Figura 6 – esquiços sobre a Rua Visconde Palma de Almeida



QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO

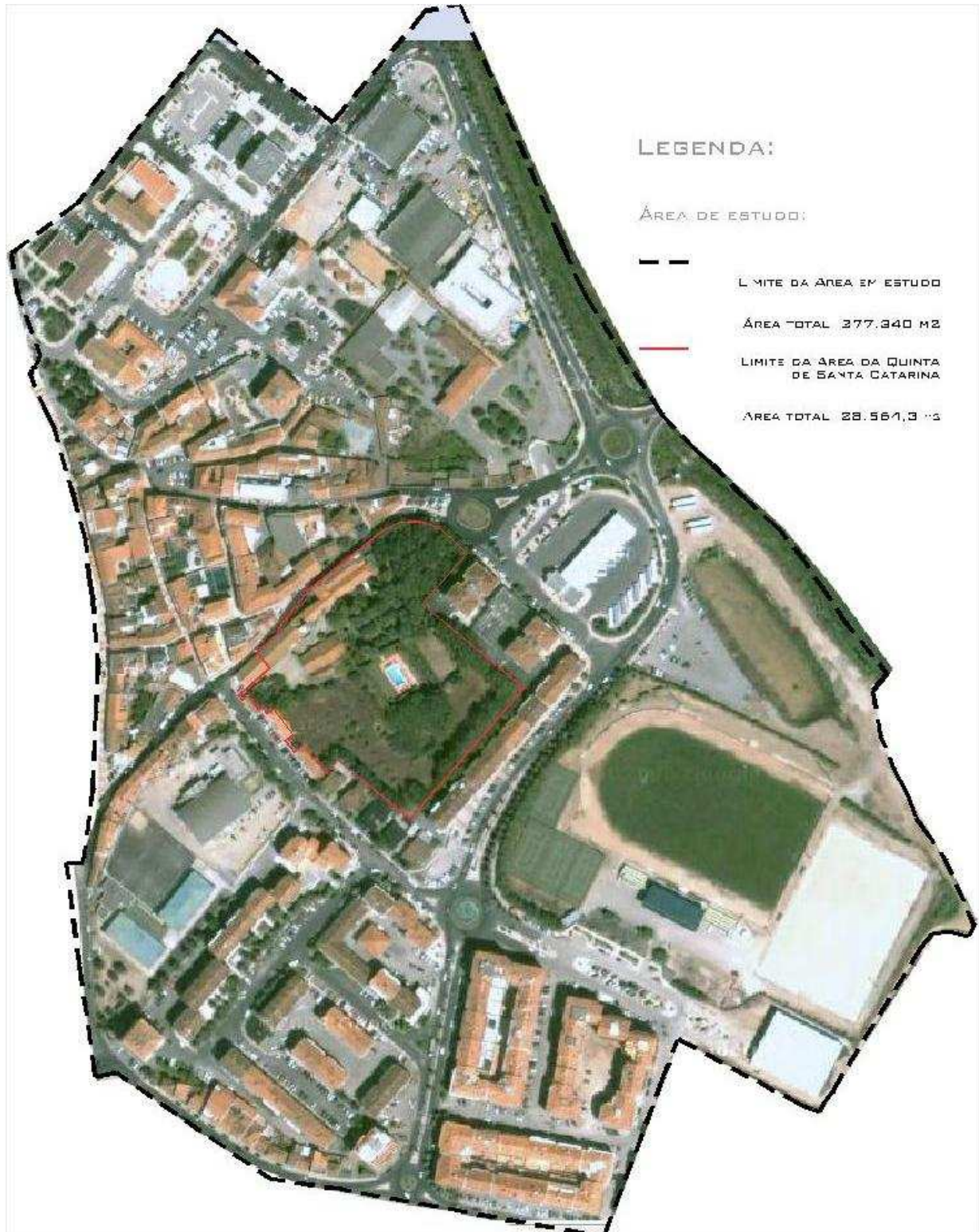


Figura 7 – localização, na área de estudo, do perímetro da Quinta de Santa Catarina



QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO

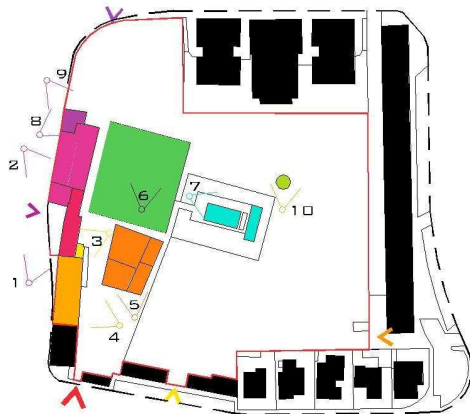


Figura 8 – levantamento fotográfico das entradas para a quinta



Figura 9 – levantamento fotográfico dos espaços da quinta



### 2.1.1 A QUINTA

Situada na vertente sul da vila da Lourinhã, a quinta de Santa Catarina foi em tempos local de lavoura e actividades rurais da nobreza, pensa-se que o antigo pinhal de Leiria possa ter culminado em tempos neste local. Pertencente a uma nobre família portuguesa, este local foi mantido dentro das gerações seguintes até aos nossos dias.

Apesar da mesma linha familiar, a quinta sofrera desde o meio do século XX a cobiça pública e privada sobre o seu extenso território, visto que a expansão urbana da vila começava a ficar sufocada em termos espaciais e eram necessárias novas terras para urbanizar. São conhecidos os extensos problemas deste tipo de negociação pública e privada e no caso particular da quinta, é notório este conflito. A nova zona urbana, datada da década de 70, está toda ela situada em antigo território da quinta e com maior ou menor qualidade urbanística a vila foi deslocando muitas das suas actividades para esse local.

Hoje em dia a quinta está confinada a uma área aproximadamente de 26.564m<sup>2</sup>, o que para o ambiente urbano existente é um espaço excessivamente grande.

Considerando o local como um quarteirão de grandes proporções, a percepção para o seu interior é pautada por pontuais rasgos por entre as vizinhanças que cobrem três das quatro frentes existentes. A noção espacial que se tem, quando rotineiramente se caminha junto a este espaço, é de que as suas dimensões são exponencialmente bastante mais reduzidas. Ao entrar dentro da Quinta, por entre a densa vegetação existente, a noção espacial inverte-se, as edificações em redor e a sua distribuição, surgem como pequenos apontamentos de modernização humana. As contínuas aparições de arquitectura e espaços tipicamente rurais no seu interior, remetem-nos para um ambiente teatral, que se descortina e intensifica com um olhar progressivamente mais detalhado e pormenorizado sobre o seu interior.



### 2.1.2 A CASA

Situada na extrema noroeste da quinta em acto de estreito ligamento com o mais antigo urbanismo da vila, esta casa é limite entre a vila antiga, uma quinta com peso histórico e um urbanismo recente do séc. XX. O tempo e o espaço decerto contradizem os propósitos para o qual foi erguida, (séc. XVI) com a finalidade de albergue, a uma nobre família do reino e com as suas disposições e funcionalidades adjacentes necessárias para o funcionamento de uma antiga quinta com grandes dimensões e direccionada para o trabalho rural da lavoura. Assume-se hoje, por isso, como objecto de grande valor patrimonial de informação histórica relevante sobretudo no que respeita a arquitectura rural e tradicional portuguesa.

Composta por pedra, cal, sol e espaço, o corpo original da casa apesar de sobreposições de modernidade devido ao desgaste do tempo, continua a guardar por entre o estuque branco, apontamentos de grande expressão sobre a sua história. Tendo sido alvo de uma descaracterização devido a obras no séc. XIX, continua a ser fácil assimilar o extenso corpo branco, típico do séc. XIV, que pautava por a austeridade material de uma quinta de lavoura e férias em terrenos rurais, mas de grande vivência no seu espaço interior. É visível que o pequeno aglomerado volumétrico que se denota em redor da casa, não é mais que um acumular de funcionalidades que o tempo se encarregou de imprimir e que tão típico é da evolução saloia e tradicional da casa portuguesa. Apesar deste processo temporal óbvio, existem dois objectos que se revestem de um estranhamento particular, por não se enquadrarem de todo na típica arquitectura do edificado São estes, dois torreões que pautam a casa a nascente e poente, num desfasado estilo romântico, mandados erguer por numa visão romântica de um antigo membro da família sem uma razão óbvia aparente. Sendo posta a hipótese de demolir estas duas torres, sem qualquer funcionalidade hoje em dia, os proprietários acabaram por não o fazer, remetendo a contínua existência de tal elemento vertical a um temporal secretismo e que o espaço urbano o assimilou como referência simbólica da quinta.



## QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO

---

No que diz respeito à sua inserção urbana e à qualidade de diálogo que tem para com o habitante urbano, esta casa e toda a sua entidade secular, é o limite entre o antigo e o novo urbanismo. Apesar de apenas existir uma fachada com características bem visíveis para o exterior público, a sua percepção que em tempos se realizava por um olhar distanciado sobre todo o território rural, é agora a de um objecto que se estranha e intriga, parecendo não ter mais ligação com o homem urbano e vivendo de eternas memórias no seu íntimo.

É uma casa portuguesa com certeza, a entrada principal é feita por a Rua Visconde Palma de Almeida, onde recebe através de um átrio com um portal quinhentista encimado de uma bela pedra de armas, da mesma época. Esta entrada conduz imediatamente a um espaço privado, paralelo ao da rua principal, sendo esta transição feita por um átrio coberto e uma arcada de pedra, também quinhentista e ainda intacta. Este movimento perpendicular de encontro ao interior da quinta, conduzido por a bela arcada, revela uma perspectiva de abertura e intimidade que longe se imaginaria no seu exterior, ao lugar de um átrio estreito de entrada, surge agora um generoso pátio, que assume, com a sua disposição central, a função de pautar os movimentos entre a casa, o jardim e as dependências da quinta. No piso térreo do corpo principal da casa, outro ora utilizado como adega, encontra-se dois espaços, concedidos para o comércio tradicional e no volume adjacente a este, os espaços colectivos de habitação dos seus residentes.

O piso nobre da casa, situa-se no corpo principal e é acessível através de uma escadaria de pedra em alpendre, definido por colunatas possivelmente do séc. XVI situada no átrio da entrada principal. Pouco utilizado mas em bom estado de conservação encontram-se os inúmeros espaços e mobiliário no seu interior, por entre requintados corredores, são dispostos quartos e salas de estar com grande carisma, exacerbado por o requintado mobiliário feito de encomenda, na época do primeiro visconde da Palma. Curiosidade na sala de estar, disposta no alçado sul da casa, existe uma ligação para o jardim feita por uma escadaria de grande beleza, apoiada no vão da casa e no patamar superior do jardim.



Hoje em dia a casa encontra-se apenas habitada por a família de há gerações proprietária e alguns funcionários, mas num passado pouco distante esta casa sofrera um processo de requalificação para a prática do turismo rural. Protocolo entre os proprietários da casa com os poderes que promovem o turismo em Portugal. Este tipo de turismo foi realizado durante alguns anos, com os benefícios que obviamente trazia, como a valorização do património, o lucro económico para a gerência da quinta e criação de fluxos turísticos, especialmente do estrangeiro, importantes para a economia do conselho. Com o crescendo da insegurança que se faz sentir nos nossos dias e o turismo de massas nesta área, que não permite um filtro seguro para a área do turismo habitação rural, os proprietários sentiram-se receosos e sem condições para poderem controlar a casa e o seu espaço, decidindo cessar a casa a este tipo de actividade. De salientar que a casa encontra-se realmente com boas condições, para este tipo de turismo, faltando apenas um espaço de restauração capaz de satisfazer as exigências regulamentares que hoje se impõem.

A simpatia e o modo de receber familiar, são costumes e tradições que dificilmente serão transmissíveis por o turismo feito para massas a que estamos habituados. Posto isto é um facto indiscutível que a revitalização do fluxo turístico rural na casa seria de grande importância para imagem cultural do conselho.

### **2.1.3 A CAPELA**

Típica da casa senhorial portuguesa, a sua existência é símbolo de uma crença religiosa e de uma tradição sobre o ritual de adoração a um santo padroeiro, neste caso da invocação de Santa Catarina. Situada a nascente da casa em conformidade com a antiga adega, esta capela data do séc. XVI. Possuía um altar-mor decorado com retábulos de pintura da época de Josefa de Óbidos, contendo temas da vida da Santa, infelizmente devido a um terramoto o altar sucumbiu. De dimensões reduzidas com aproximadamente 52m<sup>2</sup> de área bruta e 6 metros de cercea, a construção em alvenaria de pedra, encontra-se exteriormente num avançado estado de degradação e necessita de uma



recuperação em todos os sentidos. Em bom estado e ainda com características estéticas de grande beleza, está o pórtico de entrada para a capela.

Este espaço está agora em desuso, mas a sua relação com a envolvente ainda é bastante característica e importante, sobretudo por a entrada da capela estar localizada no fim da rua Visconde Palma de Almeida e seguir-lhe a fisionomia urbana que culmina no fim da zona histórica da vila da Lourinhã. Este objecto marca por isso um delicado limite, entre, uma zona urbana antiga e um novo urbanismo desprovido de organização e qualidade do espaço público.

#### **2.1.4 AS DEPENDÊNCIAS**

O contínuo processo de urbanização sobre a antiga quinta, fizeram com que as pequenas dependências típicas da lavoura, sofressem um processo de compressão em termos de disposição no espaço, culminando agora num espaço comum dentro dos reduzidos limites da quinta.

Uma pequena construção térrea na entrada a poente da quinta, agora uma drogaria, remonta a um antigo galinheiro antigo. Esta quase irónica mudança de função/uso, sobre o objecto arquitectónico, está presente em quase todas as construções e dependências na quinta, devido ao facto das funções agrícolas já não existirem, apenas actividades direccionadas á jardinagem. A sul da casa, paralelo á sua fachada, situa-se uma construção de alguma dimensão, que serviu em tempos para uma caldeira, mais tarde transformada num picadeiro e recentemente garagem para veículos. Hoje em dia este espaço está em desuso e muito debilitado, tendo parte da sua cobertura ruído. Outro importante espaço na quinta é uma construção existente a oeste da casa, assumindo uma planta linear de arquitectura térrea, típica da construção agrícola da região, este edifício, fecha a ligação pública com o interior da quinta e serve como local de armazém, sendo que na sua extremidade engloba um pequeno espaço comercial, recentemente edificado.



É notório que com a presença de tal ambiente urbano, e a descaracterização funcional para que foi edificada, as pequenas construções adjacentes a casa, perderam o seu sentido funcional, restando agora o espaço e o objecto que necessita de uma requalificação óbvia, a fim de tirar partido das suas características morfológicas.

### **2.1.5 O JARDIM**

A sul da casa com uma métrica paralela e um perfeito prolongamento do seu espaço interior, situa-se o jardim da quinta, que se assume de grande beleza natural, talvez o espaço de maior importância no ambiente exterior deste local. Com influências conceptuais neo-classicistas, mas de recente redesenho, as verdadeiras origens da sua concepção estão guardadas sobre a estrutura monumental das enormes e seculares palmeiras aí existentes.

Com uma altura média de 16 metros, estas árvores assumem uma importância fulcral para a estética do local, mas não só, o resguardo e o recato que proporcionam em relação com a envolvente, são de facto características técnicas que parecem ter sido propositadas mesmo antes de tal ambiente urbano ter sido construído em sua vizinhança. Um olhar distante sobre este conjunto, leva-nos a ter a percepção de que este ambiente natural é de facto parte histórica e monumento na quinta, sendo que a sua presença, consegue desafiar as altas construções adjacentes e assumir no seu interior uma terna e espiritual beleza íntima natural.

### **2.1.6 A PEDRA**

Situada na extremidade nascente do jardim encontra-se uma boca de poço muito peculiar, tendo uma pedra oitava, da época medieval de origem desconhecida. Este objecto ostenta as armas reais portuguesas, tal como eram usadas no reinado de D. João II, possuindo a toda a volta, inscrições e caracteres góticos. A sua existência e secretismo, suscitam um encantamento especial, rodeadas sob a escolta das gigantes e seculares palmeiras.



### **2.1.7 A PISCINA**

Com a requalificação do espaço para o turismo e a projecção de alguns eventos, foi construída uma zona de piscina e uma pequena construção de apoio a esta. Situada no prolongamento da organização do jardim e da casa, este espaço está rodeado de sebes com uma grande altura que o tornam invisível mesmo com uma percepção dentro do local da quinta. Apesar da sua pequena dimensão o espaço é bastante agradável e conta com um anel relvado onde a boa insolação existente propicia uma zona de lazer íntima de grande qualidade. A inactivação da vertente turística do local, levou a um menor cuidado sobre este espaço, mas as suas características e localização decerto se encontram bem marcadas definidas, como sendo um espaço de apoio á estadia na casa.

### **2.1.8 O POMBAL**

Com a forma de um gigante marco geodésico e situado a sul da piscina no fim da malha que organiza as disposições da quinta, situa-se um antigo e bellissimo pombal. Construído em alvenaria de pedra em sistema de cunha, este objecto reverte-se de uma aura sagrada, quase como se trata-se de um monumento de adoração. Em seu redor a densa vegetação impede a passagem para o restante terreno da quinta situado a sul que se encontra sem qualquer tipo de uso e em proximidade com as vizinhanças urbanas.

## **2.2 ENQUADRAMENTO NOS SISTEMAS DE GESTÃO TERRITORIAL.**

No que respeita ao enquadramento nestes sistemas, os únicos dados relevantes existentes sobre o local de intervenção são referentes ao PDM da Lourinhã e têm que ver com os aglomerados urbanos de nível 1, como se pode constatar na imagem.

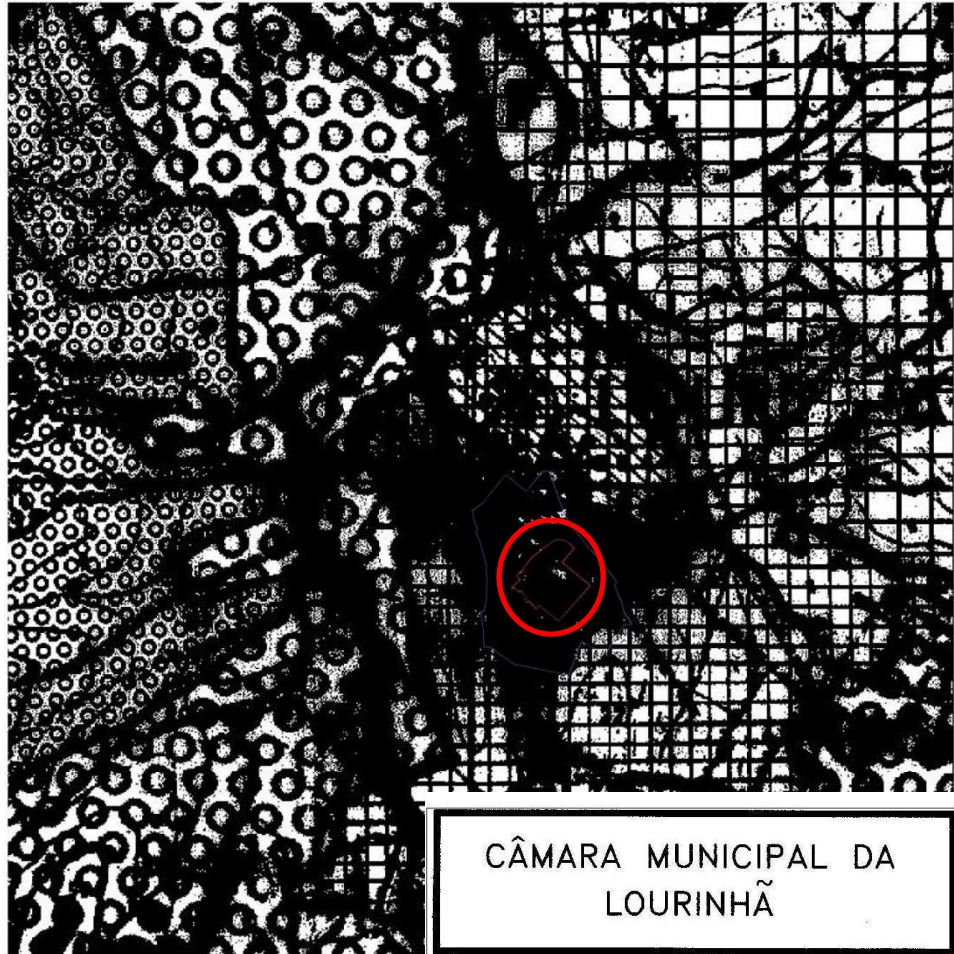
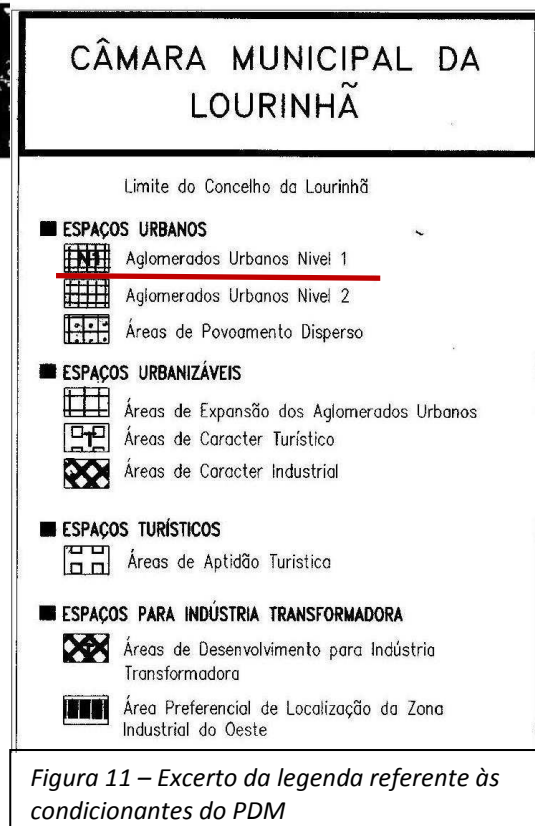


Figura 10 – Carta de condicionantes do PDM

De seguida será feita uma breve recolha dos parâmetros a respeitar segundo os artigos e disposições deste documento.





### **Artigo 30º**

#### ***Índices urbanísticos***

1 — *As construções de novos edifícios ficam sujeitas às seguintes regras:*

1.1 — *Espaços urbanos de nível 1:*

- a) *Densidade habitacional bruta máxima (DHb): 40 fogos/ha;*
- b) *Densidade populacional bruta máxima (DPb): 120 hab./ha;*
- c) *Índice de construção bruto máximo (ICb): 0,60;*
- e) *Cércea máxima (C): 12 m;*

Análise ao artigo:

Sendo uma área dedicada maioritariamente ao preenchimento por habitação de alta densidade, este artigo é relevante no sentido em que fornece na alínea c) e, e), não prevendo outro tipo de índices para a elaboração de um espaço recreativo e para um equipamento cultural, como é o caso da proposta arquitectónica.

### **Artigo 37º**

#### **Estacionamento**

1 — O número mínimo de lugares de estacionamento no interior dos lotes a prever para os espaços urbanizáveis é o que seguidamente se define, consoante os usos, sendo que as áreas consideradas se referem a área bruta de construção:

1.6 — *Similares de hotelaria: 1 lugar/25 m<sup>2</sup>;*

1.7 — *Salas de espectáculo: 1 lugar/10 lugares sentados.*

2 — *Nos parques urbanos dever-se-á implementar parques de estacionamento, sendo a área a impermeabilizar para tal entre 0,03 e 0,04 da área total do parque.*

Análise ao artigo:

Primeiramente são referidas na análise urbana da primeira fase o número de estacionamentos públicos cedidos por o lote da Quinta de Santa Catarina (34 lugares).

Quando se analisa o ponto 1.6, devido á intenção de reactivar o turismo habitação rural na casa na Quinta e da reabilitação de um dos edifícios para o serviço de restauração, é necessário proceder ao raciocínio da área da casa em relação aos parâmetros do PDM e providenciar na



---

**QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO**

proposta o resultado de lugares necessários, dentro do espaço privado do local.

No ponto 1.7 existe a informação referente às salas de espectáculo, visto que o objecto cultural proposto terá um auditório de 208 lugares, será necessária a verificação no espaço de 20 lugares para o efeito.

No último ponto em análise neste artigo, que vêm de encontro á estratégica de requalificação parcial do espaço da Quinta para a elaboração de um parque urbano. Para uma área aproximadamente de 8691m<sup>2</sup> que é proposta como parque urbano, são necessários 347,64m<sup>2</sup> de área a impermeabilizar.

### **Resumo**

Os documentos e condicionantes existentes, sobretudo na Secção VIII do PDM, não são de todo direccionados para a especificação de áreas culturais e recreativas, especialmente no centro urbano da vila, remetendo para a necessária elaboração de planos de pormenor, a quando da existência de património histórico, ou zonas de interesse estratégico para o município. O facto de nos artigos existentes á relevância dos espaços existentes, não mencionada qualquer situação referente á Quinta de Santa Catarina, leva-nos a uma reflexão muito crítica quanto às disposições e credibilidade deste tipo de documentação, visto que, a primeira e segunda fase desta dissertação celebra a extrema importância urbana e histórica deste local.

É de constatar que não só o espaço da quinta é desprezado neste documento, qualquer incentivo á estratégia de zonas verdes e áreas recreativas possíveis na zona consolidada da vila é pura e simplesmente inexistente.

As lacunas aqui descritas, são o grande motivo para a debilidade e a falta de qualidade de espaços públicos sociais no urbanismo das últimas décadas. Apesar disto existe já em fase de elaboração um plano de urbanização, que prevê nova estratégia e zonas de acção urbana, o que se verificará indispensável para o sucesso do crescimento urbano da vila.



## 2.3 MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

A proposta urbana para a Quinta de Santa Catarina consiste na elaboração de um parque recreativo e cultural de vertente pública, com o intuito de requalificar o espaço, melhorar a qualidade de vida social e dinamizar os fluxos turísticos e culturais ao conselho, mais particularmente á vila.

Com a caracterização e as análises verificadas na primeira parte, afasta-se a possibilidade da construção habitacional, proposta em PDM, sobre o risco de um estrangulamento urbano e problemáticas a nível da qualidade do espaço urbano e natural. A intervenção consiste numa primeira fase sobre o planeamento de diferentes zonas, estrategicamente relacionadas com as diferentes fronteiras que o terreno faz com o espaço urbano, de modo á integração e clarificação da Quinta no mapa urbano. Após a definição da zona é feita a descrição do espaço, referente á mesma, utilizando imagens renderizadas para descrever o ambiente proposto. Sendo assim são seis as zonas estratégicas:

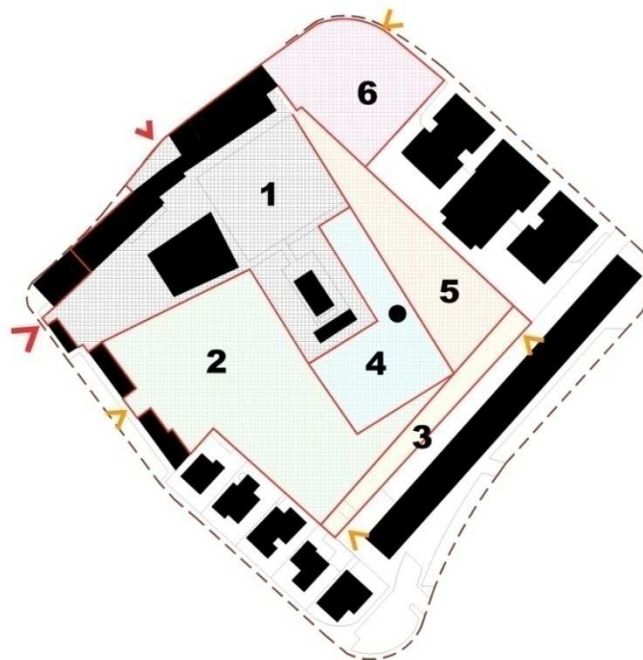


Figura 12 – Mapeamento de zonas da proposta urbana



**Zona 1** (6015.74 m<sup>2</sup> área total)

Tem que ver com a zona de construção já existente na quinta, neste sentido e devido á história e qualidades do local já verificadas numa primeira caracterização, define-se este espaço como privado, de exploração ao turismo habitação rural, requalificando algumas das suas dependências no sentido de criar equipamentos que possibilitem o bom funcionamento turístico da casa. A maior das necessidades para a reactivação desta vertente de acolhimento turístico, tem que ver com a necessidade de um espaço de restauração com características técnicas enquadradas nas disposições actuais da lei.

Os espaços que fazem parte deste ambiente privado turístico são eles, o jardim existente, a zona da piscina e a entrada a Oeste junto da drogaria. A justificação desta escolha assenta no facto de se pretender que o espaço em questão não perca o carisma familiar e histórico sobre a qual foi fundado, fazendo assim com que a sua tipicidade e secretismo, sejam motivos acrescentados para um interesse turístico mais profundo e cultural.

Para esta zona não serão elaborados quaisquer definições espaciais, para além da requalificação do antigo picadeiro num restaurante, posteriormente neste documento, descrito e justificado.

**Zona 2** (4487 m<sup>2</sup> área total)

A segunda zona está situada a Oeste da Quinta, e faz confronto directo com uma faixa linear de habitação e comércio de baixa densidade. No capítulo urbano, esta fronteira está situada num espaço predominantemente habitacional, onde existem equipamentos escolares e desportivos usados por os moradores locais. A constatação de fluxos altos de habitantes da vila e fluxos estrangeiros baixos, é parte da definição desta zona como, maioritariamente verde semi-pública, de jardins e caminhos lúdicos, que tem como estratégia colmatar a falta deste tipo de espaço verde na vila. A sua localização nas cotas mais superiores da Quinta, proporciona a existência de uma linha de vegetação cuidada que não só é importante no sentido de preservação



natural mas também na qualidade visual que proporciona sobre todo a área do parque e das vizinhanças habitacionais adjacentes.

Figura 13 –  
Perspectiva 3D



**Zona 3** (858.5 m<sup>2</sup> área total)

A terceira zona é fulcral para o sucesso da proposta, visando uma melhoria das qualidades urbanas e do ambiente público situado a sul da Quinta. Esta zona está limitada a um muro de separação com um caminho público de acessos às traseiras e garagens de um edificado de média densidade habitacional. A pobre qualidade espacial deste lugar, é um dos maiores problemas verificados por o confronto público e privado deste espaço. Com tal é proposta uma maior dinâmica sobre este espaço.

É proposto uma área de cedência para arruamentos urbanos necessários, e a conexão do arruamento de cota mais baixa com o de cota mais alta através de uma grande escadaria. Como meio de dinamizar esta zona, é criada estrategicamente uma entrada para o parque, que dará acesso a uma zona de experimentação cultural, de disposição perpendicular ao caminho público existente.



Figura 14 –  
Perspectiva 3D



A criação desta entrada secundária para o parque, para além das vertentes técnicas e de concepção espacial na dinâmica do parque, pressupõe o crescente fluxo de pessoas no caminho público, o que criará uma zona social mais activa e cuidada para os habitantes das edificações adjacentes e os visitantes da vila. Nesta zona é também proposta a existência de um parque automóvel semi-público ao nível das cotas do caminho existente.

O parque automóvel será de cobertura vegetal e de disposição linear ao longo de todo o arruamento. A definição deste equipamento vem de encontro às necessidades descritas no PDM, mas não só, a concepção deste local faz parte, primeiramente, de uma articulação propositada com os diversos espaços proposto para o interior do parque, visando a qualidade do ambiente natural e o conforto dos visitantes do parque.



Figura 15 –  
Perspectiva 3D



#### **Zona 4** (2070.1 m<sup>2</sup> área total)

A Quarta zona está situada no centro do terreno da Quinta e pressupõe uma estratégia de centralização das actividades de lazer ao ar livre. É proposto que o antigo pombal fique pertence público e seja um ponto de referência visual nos percursos do parque.

Com esta disposição é pretendido também a qualificação do espaço com outros apontamentos de interesse recreativo social tipicamente característicos dos jardins desta região.

Devido a ser uma zona verde de cotas pouco superiores ao nível do mar, este espaço é muito propício á retenção de águas pluviais. Prevê-se então que o espaço criado tenha uma vertente de sustentabilidade elevada, sobretudo no que respeita ao uso da água como elemento de fundamental importância ao bem-estar humano e á sua importância para a sustentabilidade do ambiente natural e urbano.



Figura 16 –  
Perspectiva 3D



A concepção deste espaço é fundamentada nas criações antigas dos espaços rurais da região salaia. São integrados os tímidos elementos agrícolas de uma forma simbólica visando uma imagem contemporânea e original sobre as antigas técnicas de sustentabilidade natural, tradicionais da disposição dos variados elementos no espaço.

O tanque como forma de reserva da água, o proveito sem o desperdício, para uma posterior utilização nos sistemas necessários ao funcionamento do parque e a devida devolução ao meio natural de uma forma tratada.

A pergola, estrutura fundamental á vegetação que faz o sombreamento à água, durante o verão, baixando os níveis de evaporação e possibilitando a frescura para o passadiço e zona de lazer em madeira que cruza as margens do tanque.

O muro caiado de branco e as sebes de limite, típico da privacidade dos espaços de jardim português, criadores de silêncio e abrigo.



Figura 17 –  
Perspectiva 3D



**Zona 5** (2134.6 m<sup>2</sup> área total)

Sendo a relação entre o edificado urbano e o território da Quinta, um dos factores de maior fricção espacial, a quinta zona apresenta-se localizada na junção a Este com o edificado existente. Este espaço é moldado por a disposição da quinta no espaço e por a malha urbana existente. O espaço criado por esta deformação é usado como a articulação de todos as zonas do parque, e faz a ligação entre duas zonas de frente pública (3 e 6).

Assume-se por isso como um espaço de fluxos constantes e por isso é criado uma estrutura arquitectónica para a vertente cultural, espaços de exposição, sanitários públicos e o conseqüente prolongamento do sistema de água armazenado no tanque proposto na zona 4.



Figura 18 –  
Perspectiva 3D



A diminuição da cota do terreno é proposta ao nível do arruamento exterior existente, o que possibilita a fácil ligação em termos de acessos e a natural circulação do sistema de águas. O facto de estar disposto neste sentido possibilita também futuramente a operatividade do antigo cinema da lourinha. Que comunga a meio desta zona a sua volumetria aterrada do palco e que foi encerrado por motivos de falta de saídas de emergência.

Esta zona assume-se por isso criadora de diferentes e complexas articulações, que no futuro puderam adaptar-se às mudanças urbanas e sociais da vila.

Figura 19 –  
Perspectiva 3D





### **Zona 6** (1871.82 m<sup>2</sup> área total)

A última zona está localizada na extrema norte da Quinta, sendo a nível urbano, o espaço de maior complexidade e indefinição.

Nesta zona existem cinco elementos fundamentais para a estratégia proposta, sendo elas: as vizinhanças habitacionais de alta densidade, o vazio na ligação entre as duas frentes do quarteirão, a capela secular em mau estado e as zonas privadas da casa existente na Quinta.

As incidências destes diferentes elementos são a razão para o qual é proposto um equipamento cultural museológico, que através da sua arquitectura e programa, defina e crie variados ambientes urbanos experimentação social, de acordo com as necessidades das malhas urbanas existentes e da sua leitura por parte do ser habitante local.

O equipamento deverá prever um programa articulado, que tenha origem, nas necessidades culturais da vila mais evidentes. A sua conexão com o limite da zona histórica pressupõe um tratamento público espacial á semelhança do existente em outras situações de sucesso existente na zona. Sendo um objecto público de interacção com um ambiente público, privado e o parque semi-publico, este deve primar por a boa solução das diferentes dialécticas urbanas de que deverá ser sujeito.

Esta zona assume-se em termos urbanos como a de maior importância para a requalificação e dinamização da vila da Lourinhã. Como tal é realizado um projecto de arquitectura, com uma vertente de desenho, mais detalhada e especifica sobre as suas diversas componentes conceptuais.



Figura 20 –  
Perspectiva 3D



Conclusão:

Em suma a proposta urbana para o parque da Quinta de Santa, assume-se como uma articulação complexa entre diversas zonas distintas, mas comunitárias no que toca á incidência sobre a criação de ambientes experimentais para espaços interacção social e criação artística.

De referir que apesar da proposta ser apresentada através de conteúdo teórico e esquemático, a sua elaboração foi previamente realizada em desenho rigoroso às escalas 1:2000 e 1:500, para se verificar e constatar que todos os espaços propostos têm fundamento aquando a interrogação sobre a sua possibilidade executiva.



**FASE 3:**

**PROJECTO DE ARQUITECTURA**



### 3.1 MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA DO MUSEU

#### Localização



Figura 21 – Localização do projecto no existente.



Figura 22– Localização do projecto na proposta urbana



## Programa

A escolha do programa é feita em parte por a observação do edificado cultural existente, a sua relevância e as necessidades de que a vila da Lourinhã carece a este nível. A segunda característica da escolha do programa, passa por a viabilidade da proposta, as necessidades de tornar o espaço sustentável e atractivo para as alturas de menor fluxo cultural e turístico.

A definição destes parâmetros torna o edifício passível de uma articulação complexa, baseada nas diferentes possibilidades programáticas e interacção dos seus espaços. Esta justifica-se não só com a pequena zona urbana da vila e das suas muitas necessidades, mas também do elevado interesse arquitectónico que é extraído da concepção e articulação dos diferentes espaços, sendo passível um melhor resultado a nível da sua experiencia por parte do visitante.

A caracterização do programa pretendido dado em percentagem é:

- 40% Espaço de exposições
- 23% Auditório
- 15% Zonas de foyer
- 10% Café concerto
- 8% Zonas técnicas
- 4 % Loja do Museu

Apesar de existir um museu na Lourinhã, este é relativo ao espólio pré-histórico existente e mesmo assim já se assume de dimensões demasiado pequenas. A necessidade de um espaço de exposições, vem de encontro, á proposta urbana para um dinamismo cultural. O museu tem como grande objectivo servir de acervo ao processo artístico que é potenciado por o novo meio urbano. A distribuição com a maior percentagem, salienta exactamente a criação de condições técnicas para o potencial criado culturalmente.



---

**QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO**

No que respeita ao auditório, este também se justifica por o facto de não existir nenhum espaço público, com estas características, na vila e de na vertente cultural, sobretudo na promoção de eventos ser bastante importante. No entanto a objectividade deste espaço passa por secundária em favor do espaço de museológico.

Os espaços de interacção social dentro do museu são cruciais para o projecto de arquitectura apresentado. A percentagem atribuída para a criação de “foyes” salienta a vertente experimental do projecto e o objectivo de potencializar as relações sociais no espaço interior e exterior ao edifício.

A proposta de um café concerto vem de encontro a uma necessidade sustentável para o edifício e o ambiente em que se insere. O facto de poder funcionar em horas extraordinárias e ser uso frequente dos habitantes da região, este tipo de espaço é certeza de um fluxo constantemente presente. Apesar disto o facto de estar enquadrado na vertente cultural é responsável também por a criação artística e experiencia social.

A loja do museu é factor técnico indispensável, com a sua vertente de rentabilização e promoção cultural, é espaço obviamente presente no programa.

Quanto às áreas técnicas, são elas também obviamente justificadas por a corrente funcional dos espaços culturais, verificando-se que, devido ao objecto não ser de grandes dimensões, estas não são razão para grande perda espacial. Sendo apenas as zonas de acervo do museu de maiores áreas.



## Conceito

A concepção do edifício resulta de dois processos distintos.

### **Dialogo entre o objecto e o meio urbano.**

O primeiro processo, parte do diálogo entre o meio urbano envolvente e o objecto de arquitectura e assume-se de uma natureza mais científica. Usando os dados referentes ao levantamento do código local sobre o edificado existente e o estudo formal das duas malhas que têm limite neste espaço, traçou-se um esquema volumétrico base. Com a ajuda das análises dos pontos em anexo 1.12, constatou-se que a melhor forma de se marcar esta área de indefinição urbana, seria a consagração de um espaço público, típico da fisionomia urbana da malha antiga. Esta ideia ficou reforçada com a existência da antiga capela e da torre na Quinta, o que por o facto de fazer o destaque deste objecto, seria de interesse acrescido para o ambiente de praça que se pretendia, tal como, para a requalificação de um objecto com muito interesse histórico.

Assim com o pensamento comum entre arquitectura e desenho urbano, a implantação do edifício foi recuada 11 metros, sobre a via existente, o que deixou o alçado Este da capela a descoberto. Este processo não se verificava no entanto clarificador do espaço, a via ali existente culminava numa má situação viária, onde a indefinição de prioridade na entrada da rotunda ali existente era questionável.

Sendo assim a necessidade de colmatar esta situação levou ao prolongamento da via a norte, mantendo o paralelismo ao edificado existente e direccionar o tráfego directamente na rotunda, obrigando a um afrouxamento dos carros. Esta decisão possibilitou um espaço rectangular mais claro e que poderia definir duas ruas distintas, coisa que não se verificava.

De seguida já com ao espaço definido procedeu-se á definição das volumetrias de uma maneira mais rigorosa.



## **QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO**

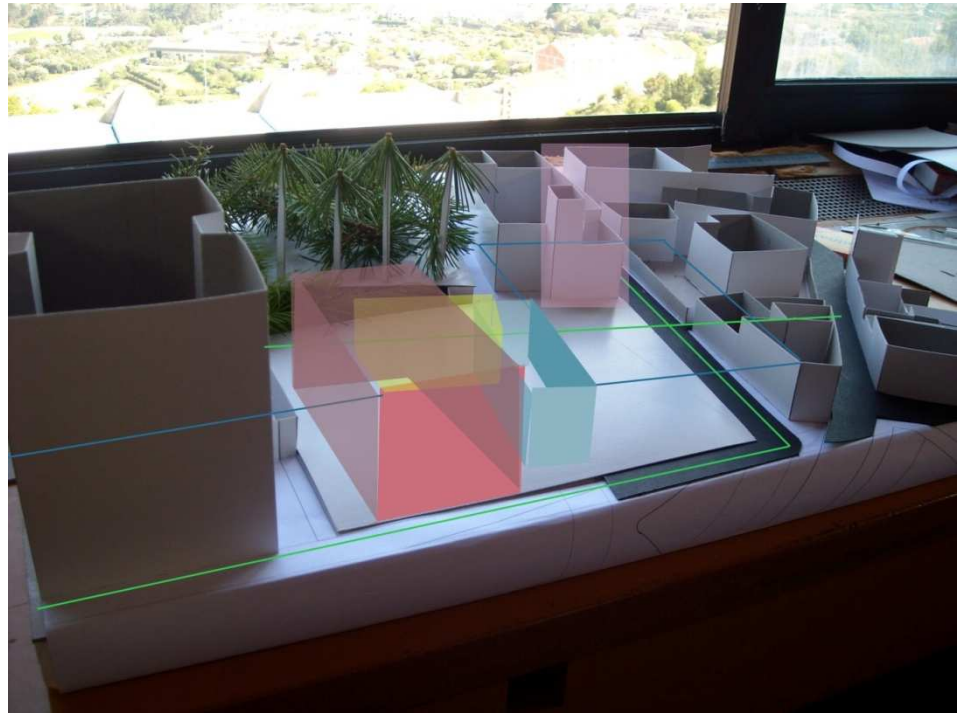
---

A necessidade de se edificar um objecto cultural de interacção com três ambientes distintos levou á previa constituição de três esquemas volumétricos diferentes independentemente do programa que se pretendia. As três volumetrias distinguíam-se na sua forma pela sua origem.

Paralela á disposição dos edifícios da Rua Visconde Palma de Almeida e da continuação do edificado da Quinta é elaborado uma massa com as características típicas da malha urbana do núcleo histórico, (cercea de 8 m altura máxima, e largura de fachada respeitante á projecção do edificado paralelo, com uma área de implantação de dimensões referentes á típica ocupação de estabelecimentos comerciais da zona histórica).

A elaboração da segunda volumetria, é respeitante ao confronto da área a intervir, com um meio urbano de qualidades diferentes, a existência de uma malha urbana recente e do espaço da estação de camionagem, pressuponha uma volumetria de maiores dimensões e uma imagem urbana pontuda por um objecto mais imponente, para colmatar a disparidade entre os 13 metros de diferencia entre a cercea das duas malhas existentes. Assim o segundo esquema volumétrico consistia numa disposição paralela aos edifícios de habitação existente na malha urbana recente tal como a medida da fachada que confronta com a via pública. A cerce definida seria de 11m, que vem de encontro aos parâmetros do PDM e que pressuponha o alinhamento visual com a residencial Vilaloba, situada entre as duas torres habitacionais.

Por último foi esquematizado um pequeno volume a Oeste do edifício, confrontante com o jardim da Quinta, que se dispunha com uma direcção distinta das malhas urbanas existentes. A sua rotura está fundamentada na intenção de direccionar fluxos para dentro do parque na Quinta e de aproveitar o alinhamento de um pequeno arruamento existente, de modo a um percurso humano repleto de apontamentos espaciais. (objecto de arquitectura, capela e pombal).



*Figura 23 – Maqueta de estudo de apoio ao esquema volumétrico*

Este processo traduz-se no enquadramento urbano do objecto, respeitando as disposições já existentes, não de uma forma mímica mas através da reinterpretação do espaço existente e da dialéctica esquemática com este. Mais tarde este processo é sinónimo das dinâmicas formais do objecto, no exterior, que se apelidam de deformações, sendo pontos preciosos na informação urbana que o objecto encerra em si e na sua originalidade arquitectónica.

**Concepção criativa na articulação dos espaços e criação de interiores arquitectónicos.**

A este nível conceptual o objecto caracteriza-se por a existência de um pátio interior, que se assume como um vazio de articulação e interacção no diferenciado programa existente.

A principal influência para esta concepção interior, advém das morfologias existentes no núcleo histórico e no seu sucesso em termos de funcionalidade, sustentabilidade e aspecto formal. A consequente adição de habitação em torno de um pequeno pátio comum é

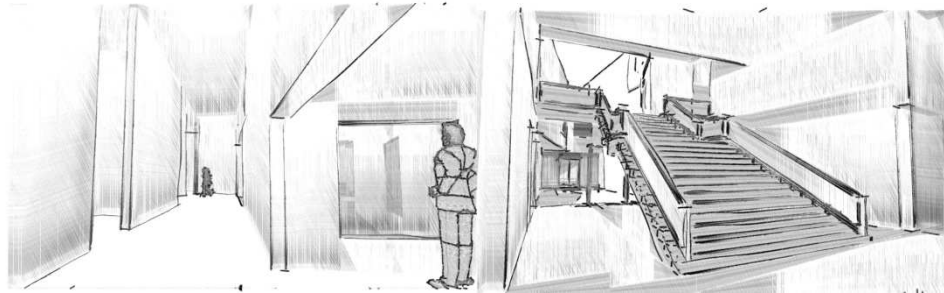


## QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO

característica especial deste tipo de urbanismo. Com a intuição pedagógica que caracteriza o edifício proposto, é criado um espaço central que consiga presenciar o ambiente existente nas zonas mais antigas da vila, mas de modo a torná-lo objecto de experimentação pública.

Figura 24–

Esboços interiores



Por esta razão a circulação do edifício é feita em torno deste espaço, ao ar livre, encerrado por as diferentes tectónicas do edifício. A consequente composição geométrica formal é fonte criadora de novos espaços que tem como objectivo a criação de dinâmicas diferentes e a sua relação com os diferentes tipos de funcionalidades do edifício. O percurso das áreas de exposição é também ele influenciado, por as geometrias conceptuais, criando um movimento natural do espaço e manipulando inconscientemente o visitante que nele se desloca.

A existência deste espaço e morfologia interior que se assume muito forte do ponto de vista conceptual, retira alguma força á interacção entre o visitante do museu e o ambiente social exterior. Devido a isto e como o objecto de arquitectura proposto, não pretende ser peça artística isolada e encerrada no espaço, algumas das disposições de interacção social do edifício, são levadas ao encontro do esquema volumétrico apresentado. O foyer do auditório, as escadas de acesso ao piso superior e um alpendre sobre a zona do café concerto aberto para a praça de animação são exemplos desta intenção.

### Interiores urbanos

É no último ponto analisado que se unificam as duas diferentes concepções existentes no edifício, através da interacção do processo de inserção urbana no exterior com o processo de liberdade artística que compõe os espaços interiores, são criados os interiores urbanos, de



grande importância para a experimentação social exterior e interior do edifício.

O facto de existirem 3 ambientes exteriores distintos, já referenciados anteriormente, faz com que o objecto tenha que responder de maneiras diferentes á interacção com este tipo de espaços, o que leva a um resultado final de grande complexidade entre as diferentes funcionalidades do edifício e a sua relação com os ambientes sociais.

## Forma

A composição formal do edifício advém primeiramente dos dois processos criativos já descritos e justificados, sendo que será necessário um ligeiro aprofundamento para a devida compreensão das decisões tomadas.

Para além dos esquemas volumétricos explicados, o edifício é constituído por uma geometria inspirada na típica arquitectura salaia portuguesa: o aspecto formal cúbico, o acabamento branco ou completamente transparente, as disposições de sobreposição volumétrica, a pendente suave da cobertura em contraste com a solidez formal do paralelepípedo e a tectónica como encerra o pátio interior, são referências que apesar de não distintamente evidenciadas, por o aspecto exterior do edifício, levam a uma assimilação formal inconsciente por parte do observador.

Neste aspecto pode-se afirmar que a forma segue uma intenção pedagógica sobre a originalidade da cultura desta região, bem como a sua dinamização e interpretação contemporânea.



Figura 25–

Perspectiva 3D



Na fachada Nordeste (frontal), o edifício pressupõe uma formalidade mais agressiva, impondo-se no espaço urbano que se caracteriza por a fraca qualidade de referências e pontos de interesse. O deslocamento para essa fachada do foyer do auditório e a sua abertura transparente para o exterior, pressupõe um contagiar á actividade social desse ambiente urbano e á sua dinâmica. Em oposição a esta dialéctica e fundamentando a adjectivação, agressiva utilizada, o objecto encerra-se violentamente na sequênci da volumetria inspirada na malha urbana do núcleo histórico, remetendo para um acto de silencio e secretismo o objecto arquitectónico e assumindo uma deformação original, representativa do diferente ambiente urbano vivido na fachada a norte.

Ainda na descrição da fachada a Nordeste (frontal), existe um prolongar do objecto de arquitectura, que encerra em um pórtico de grandes dimensões. A justificação para este acto é a criação simbólica da entrada para a zona histórica e a constituição de um quarto elemento formal que encerra a praça, criada por a implantação do edifício. De referir também que a localização do pórtico, tem que ver com um sistema de pontos focais que se pretende criar ao nível da percepção humana, sendo que este pórtico esta enquadrado com a torre da capela na praça, dando-lhe uma maior ênfase.



Figura 26–

Perspectiva 3D



A fachada Noroeste apresenta uma expressividade formal mais comedida, com inspirações nas métricas existentes na casa da Quinta, a sua multiplicação prevê a integração da massa volumétrica do edifício na sequência urbana proveniente da zona histórica, não querendo demonstrar-se como um elemento distinto, sobre este ambiente, mas sim, como um elemento único, deixando á praça, a função de contemplação de dinâmicas sociais.

Figura 27–

Perspectiva 3D





## QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO

Ainda assim na forma saliente que encerra a praça a norte, é criada um espaço ao ar livre no piso superior, com o intuito de propiciar não só um espaço interior de qualidade para o edifício, como um espaço de grande interacção social entre os seus visitantes e o ambiente social urbano.

Figura 28–

Perspectiva 3D



Por último o aspecto formal da fachada Sudeste, que se relaciona com as zonas privadas da Quinta e a nova zona de exposições ao ar livre. Esta zona apresenta-se como um o ambiente onde o edifício tenciona ter menos impacto formal, apenas o sublime movimento do volume da entrada se preocupa em distinguir e diferenciar os diferentes percursos e pontos focais estratégicos com as zonas do parque. A disposição a uma cota mais baixa 3 metros em relação ao parque, pretende que o edifício se torne o menos visível possível, de dentro das zonas verdes do jardim. Em termos de aberturas apenas existem duas: a primeira é fruto da criação interior de um eixo central no edifício a segunda é feita a uma cota mais baixa que o nível do jardim e é referente às zonas técnicas do auditório. Não existe qualquer janela em que o visitante do museu consiga perceber os espaços privados da Casa.



Figura 29–  
Perspectiva 3D



Figura 30–  
Perspectiva 3D





## Acessos

O acesso principal ao museu é feito por a praça localizada a norte. Esta disposição justifica-se com a necessidade do visitante ter que passar por o ambiente mais tradicional da vila, para aceder ao equipamento, verificando-se assim uma assimilação e conhecimento do espaço e tipicidade ali existente. Tendo uma volumetria distinta a zona de recepção e entrada do museu, pressupõe uma ênfase do momento de entrada e uma distinção entre o percurso para o museu e o percurso para o parque. De referir que através desta entrada se pode aceder a todos os espaços existentes no edifício, mas devido á articulação do programa e á possível independência de funcionalidades, existem uma série de entradas secundárias, referentes a todas as outras áreas do edifício, o que possibilita uma adaptação futura a qualquer tipo de situação necessária.

## Caracterização do espaço

### Índices e afastamentos 875.8 m2 643 / 605.5 , 533,3 m2

O local de construção do Museu está definido na proposta urbana como zona 6 e tem uma área total de 1871.82 m2.

O edifício proposto tem uma área de implantação de 1025,5 m2 e uma área total bruta de 2506,8, a área total útil é de 2047,3 m2.

A cedência ao espaço público é de 367,4 m2, a área de arranjos exteriores impermeáveis em zona semi-pública é de 249 m2 e por fim a área de zonas permeáveis é de 229.92 m2.

A distribuição das áreas gerais, é marcada por a forte cedência do espaço ao domínio público e às disposições que respeitam os índices do PDM.

Em termos de afastamentos ao edificado existente, o edifício cumpre os requisitos regulamentares também. A zona mais crítica e passível de referir é o alçado a Sudeste do edifício que confronta com o edifício de habitação. No projecto é dado um afastamento á fachada, com



## QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO

---

aberturas da habitação, de 9 metros e respeitadas os 45 graus de inclinação e insolação permanentes. A nível de implantação o edifício de habitação existente tem uma base de quatro metros que é uma pequena área comercial, estando esta no limite do terreno da Quinta, é criada uma faixa verde, de quatro metros de afastamento.

O afastamento á via pública não é tido em consideração, visto que a norte é criado a praça, espaço constante público e Este o passeio existente tem mais de três metros de largura, o que proporciona espaço suficiente para o transeunte.

No que respeita às outras vizinhanças não existe qualquer problema de afastamentos.

### **Piso 0**

A distribuição de funcionalidades desta zona prende-se muito com o factor de abertura e interacção com as zonas exteriores do edifício, por isso são dispostos espaços mais lúdicos e recreativos, sobretudo na conexão a norte com a praça e Este com a estação de camionagem.

#### **A praça:**

Com uma área total de 319 m<sup>2</sup> e uma disposição rectangular de 11m x 29m, a praça é elemento fulcral na definição clarificação do espaço urbano entre os dois ambientes existentes. A sua ligação e arranjos exteriores com o edificado envolvente, faz-se através de um traço simples, que busca na materialidade tradicional da zona (pedra calcária, cores brancas) uma pureza conceptual dedicada á criação do diálogo entre as partes que a compõem.

#### **Foyer de Entrada e recepção ao Museu:**

É o espaço principal de entrada para o museu, a sua área útil é de 72 m<sup>2</sup> e é através deste espaço que se faz o acesso á maior parte das funcionalidades existentes no edifício. Este espaço comporta ainda a zona de recepção e disposições técnicas de apoio (26,5 m<sup>2</sup>) tal como a localização dos lavabos públicos e de serviço.



## QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO

---

O pé direito do espaço em questão é de 5 metros acabados, e caracteriza-se por um traço arquitectónico suave, com muita luz devido á grande abertura a norte. De referir que este espaço, tem na zona da recepção, uma ligeira inclinação da sua parede de modo a criar um fluxo dinâmico dos visitantes para os diferentes espaços que se seguem á entrada do museu.

### **Loja do Museu:**

A loja do museu situa-se em comunhão com a praça tendo uma área de 44.5 m<sup>2</sup> de zona aberta ao público e 15 m<sup>2</sup> de espaços técnicos. O acesso pode ser feito por o interior do museu ou directamente da praça pública. O pé direito deste espaço é de 3 metros acabados e 3,5 metros de construção

### **Café Concerto:**

A localização deste espaço é importantíssima na dinâmica do edifício, situado na esquina que o edifício faz com a via pública, o café predispõe de um espaço central para concertos ou pequenas apresentações, a sua distribuição em L que colmata o fecho da praça, é directamente propícia a uma grande interacção com esta, possibilitando a zona de esplanada. O bar disposto mais a sul, tem a característica de poder servir também o foyer do auditório e assim criar uma série de acontecimentos sociais diferentes em ambos os ambientes.

A Área total do café é de 58 m<sup>2</sup>, a da zona de sofás é 33 m<sup>2</sup> e área para concertos de 20 m<sup>2</sup>. Contemplando uma área total de 196 m<sup>2</sup>, o restante desta é para as disposições técnicas necessárias ao seu funcionamento.

De referir também que na extremidade norte da zona de sofás exsiste um acesso á varanda no piso 1. Este acesso tem como objectivo a interacção com este espaço que é assumidamente de lazer.

### **Auditório:**

Este equipamento comporta 208 lugares sentados e tem uma área total de 401 m<sup>2</sup>. A sua dimensão é de 3 aproximadamente 33m x 12,3m.



## QUINTA DE SANTA CATARINA, LOURINHÃ: PROJECTO URBANO

---

Com uma disposição rectangular, o seu foyer localiza-se a Este e a sua zona técnica a Oeste. A inclinação negativa do piso é feita no sentido óbvio de Este - Oeste, aterrando 3,2m. A iluminação é um factor importante, visto que o acabamento das suas consegue ser de opacidade controlada, propiciando um ambiente de luz natural se for necessário. Esta opção é também importante no que respeita à interacção dos diferentes espaços que o compõem e o exterior do edifício. A sua zona de palco tem 80m<sup>2</sup>, 6m x12m de implantação. A zona de audiovisual tem uma área de 20 m<sup>2</sup> e está completamente aberta no ambiente do auditório, possibilitando quando não necessária a sua transformação num espaço de plateia.

A plateia do auditório tem uma área total de 165 m<sup>2</sup> e está preparada para as pessoas portadoras de mobilidade condicionada.

As restantes zonas técnicas, camarins, balneários e arrumos estão situados aterrados após o backstage do palco. Existem cinco tipos de acesso aos espaços do auditório. Na sua zona de foyer existem 2 entradas à cota de soleira do edifício, a meio da plateia, uma entrada com ligação directa ao foyer do Museu, pressupondo uma articulação mais interactiva com este e por último os acessos técnicos e de emergência à cota -3,2m que são compostos por uma escada com acesso directo ao exterior e o elevador de serviço.

### **Foyer do Auditório:**

Este espaço encontra-se em estreita ligação com a via pública a Este do edifício e com a zona de plateia. Com uma área total de 80 m<sup>2</sup> a sua estratégia de transparência formal, dada por a fachada em vidro e o sistema de cortina para a plateia, proporciona um interior arquitectónico de experimentação e grande interacção social.

O acesso ao foyer pressupõe uma passagem por entrada principal do edifício, permitindo assim ao visitante desfrutar dos espaços existentes, apesar disso, existe uma entrada de acesso directo à via pública, que permite a saída de emergência e a suposta articulação independente



deste espaço. Como tal a criação de um pequeno espaço para bilheteira também foi pensada.

#### **Bar do auditório:**

Com aproximadamente 25m<sup>2</sup> este espaço apesar de pequeno está muito bem localizado, com o interior e o exterior do edifício o que se pretende que seja uma mais-valia no conforto do visitante.

#### **Acessos verticais:**

Existem três acessos feitos por escadarias ao piso 1, sendo que o mais importante e central é o acesso existente no foyer de entrada para o museu. Os restantes têm uma vertente de articulação secundária. A sua localização em triângulo, pressupõe uma evacuação distribuída em caso de emergência.

Os outros tipos de acesso vertical são os ascensores, que se dividem, por a sua vertente de utilização, pública e de serviço.

Por ultimo e já referido a existência de uma saída de emergência no piso -1 ao exterior.

#### **Pátio interior:**

Este pátio é de piso permeável para a retenção e o aproveitamento das águas pluviais.

A sua localização central tem como fundamental ideia a interacção do diferente público em diferentes espaços, sendo possível a realização de eventos musicais, exposições, etc. É possível também a sua articulação com o foyer do auditório de maneira a tornar a sua área maior.

### **Piso -1**

A área bruta deste piso é de 605.5 m<sup>2</sup>, sendo a sua utilizada um total de área de 533,3 m<sup>2</sup>. Verificadas as funcionalidades directas com o auditório na caracterização do piso 0, como o palco, zonas de



camarim e balneários, é de referir a existência de dois espaços também importantes.

**Zona de acervo técnico (arrumos):**

Paralelamente ao palco do auditório está disposta uma sala, que tem conexão directa com o ascensor de serviço técnico e com o auditório. Com uma área de 55 m<sup>2</sup>, este espaço prevê o uso como zona de arrumos ao museu e ao auditório.

**Zona de tratamento de águas:**

Situado a uma cota de -3,2 m á cota de soleira e disposto junto do pátio interior vegetal, este equipamento prevê a recolhe das águas pluviais e negras, de modo a tratá-las e reutilizadas, o facto dos serviços técnicos se encontrarem todos no piso 0 e numa desposição organizadamente sequencial, potencia a fácil articulação entre este sistema de reutilização e aproveitamento.

A sala de manutenção tem 8 m<sup>2</sup> e o tanque de retenção de águas e tratamento tem 28 m<sup>3</sup>.

**Piso 1:**

A área bruta deste piso é de 875.8 m<sup>2</sup> e a sua utilização é 643 m<sup>2</sup>.

Neste piso estão localizadas as zonas de exposição e circulação museológica, existem neste sentido dois diferentes tipos de sala de exposição, um situado na volumetria mais pequena, caracterizado por salas fixas de pé-direito mais reduzido e outras localizadas na volumetria de maiores dimensões, a sul, que se caracterizam por um pé-direito duplo de exposição ou ambiente passível de ser alterado com a criação de paredes falsas.

Os outros equipamentos referentes a esta zona, tem que ver com um espaço de uso misto, preparado para um equipamento efémero de bar e pontos de audiovisual usados na programação do museu.

**Zonas de circulação do museu:**



Como já foi justificado anteriormente, no processo de criação dos interiores do edifício, este espaço assume grande importância no capítulo do percurso e da interacção espacial dos diferentes acontecimentos que o objecto proporciona. Com 195 m<sup>2</sup> de área pode-se constatar que a intenção de criar um percurso também ele parte da experiência museológica é traduzida na sua dimensão. Por entre alturas diferentes, alturas, larguras e aberturas ao pátio interior, segundo eixos visuais, os corredores do museu são ponto de experimentação arquitectónica.

#### **Salas de exposições:**

Já feita anteriormente feita a sua divisão, podemos passar às áreas referentes a cada uma delas. No que corresponde às salas de pé direito mais reduzido existem duas salas distintas, uma com 70 m<sup>2</sup> e outra com 100 m<sup>2</sup>. No que diz respeito às salas de pé-direito de maior dimensão, existe uma divisão proposta, mas que não tem influência a nível estrutural, podendo criar uma área total de exposição em open-space de 234 m<sup>2</sup>.

#### **Zona de uso misto:**

Quanto a esta zona é proposto um pequeno bar de 3m x 3m, que tem como função o serviço à zona de varanda criada em interacção com a praça. Este espaço que pode ser também utilizado como acervo digital e bibliográfico, tem um total de 43,5 m<sup>2</sup> e um pé direito de 3m.

#### **Varanda.**

Com uma funcionalidade de potencializar os acontecimentos culturais na praça e a sua conexão com o museu, este espaço surge como uma possibilidade de zona de estar, coberta ao ar livre, enquadrado com a percepção da capela e da praça, bem como o panorama urbano da zona histórica. A situação em planta faz referência a mobiliário para o conforto dos utilizadores. Apesar disto este espaço prevê também a possibilidade de acontecimentos culturais, como concertos e espectáculos, de forma a interagirem com o público da praça.



## Sistema construtivo

### **Estrutura**

A estrutura do edifício é mista, em betão armado e alvenaria de tijolo com caixa-de-ar pré-concebida.

O vão de 12 livre do auditório e das salas de exposição, justifica a estrutura pontual em betão armado. Esta estrutura assenta em paredes ou pilares estruturais, que consoante a carga e área de influência deverão justificar a sua dimensão em planta. Em média a espessura das paredes existentes é de 20cm, podendo esta aumentar nas zonas do piso -1 devido ao reforço estrutural necessário na zona do auditório.

A inclusão deste sistema com a alvenaria em tijolo vem de encontro aos parâmetros de viabilidade económica e conforto térmico interior.

Com uma espessura de 19 cm e caixa-de-ar incluída a alvenaria singular em tijolo é utilizada no espaçamento entre as zonas estruturais.

Será necessário no entanto a bom acabamento entre estes dois tipos de sistema devido às pontes térmicas, sobretudo do betão.

### **Exterior.**

#### **Acabamentos**

O acabamento exterior é feito por um painel de viroc de 1,5cm nas fachadas dispostas a norte devido á acção mais agressiva do clima. A pintura a branco dos painéis, prevê que com o passar dos tempos o material volte á sua cor e geometria original, mas de uma forma envelhecida, proporcionando o efeito esperado para um acabamento final, sempre em mutação.

Nas fachadas a sul e por o facto de não serem visíveis, é sugerido o reboco simples de 2 cm de espessura.

Ao longo do edifício e com uma intenção do jogo das volumetrias com a escala humana, é proposto dois tipos de lambrim distintos na sua altura,



mas de constituição semelhante. O material é lajetas de calcário com uma espessura de 2cm, de acabamento natural. As alturas do labrim diferem entre 3 m e 1,2 m.

### **Pisos**

Os pavimentos exteriores, especialmente da praça, são em calçada portuguesa em continuidade ao padrão que se verifica nos novos arruamentos da zona histórica.

## **Interior**

### **Acabamento paredes**

Começando por o acabamento das paredes, este é sempre igual em pladur. Mas enquanto nas fachadas a norte o isolamento é feito no exterior com o painel viroc, nas fachadas sul o isolamento é feito por o interior da estrutura de betão e alvenaria. Esta opção deve-se ao facto do auditório se situar a sul do edifício e o isolamento feito por o interior ajudar á qualidade acústica.

### **Pisos:**

Existem três tipos de piso distintos no espaço interior do edifício.

Mármore de acabamento polido em cinza:

Este material mais expressivo e luminoso é usado nos foyers do edifício como resultado de um ambiente expressivamente luminoso.

Linóleo de cor escuro:

Este material nobre é usado na zona do auditório, devido a ser de boa refração do som.

Soalho:

Este material nobre é usado nas restantes zonas do museu.

### **Vãos:**



Os vãos do edifício são todos eles em alumínio tratado a cor natural, com vidro duplo, excepto os vãos de maior dimensão especialmente no alçado Este, que prevêem uma estrutura metálica de suporte, e a utilização de aranhas fixadores para a estabilidade e a diminuição das vibrações dos grandes panos de vidro. Ainda neste capítulo, existe no Alçado Este na zona do foyer do Auditório uma escadearia de acesso ao piso superior, onde o reforço estrutural devido a ser uma saída de emergência e a opção formal arquitectónica, prevêem a existência de panos de vidro de dimensões esguias e com um tratamento de semi-opacidade.

### **Sistema de coberturas.**

Com a necessidade de criar iluminação natural indirecta, algumas volumetrias assumem uma inclinação excessiva para a normal cobertura plana, por isso é sugerido a utilização de painéis sanduíche nas pendentes mais acentuadas.

## **Iluminação**

À excepção das zonas no piso -1 todos os compartimentos têm acesso á luz natural.

O aspecto de maior importância neste capítulo, é referente, às zonas de exposição no museu, que não podem sofrer uma iluminação directa. Sendo assim são criados dois tipos de estratégia de iluminação.

A primeira situada nas salas de altura mais baixa, tem na inclinação da cobertura, a entrada moderada e fraccionada da luz natural, de modo a ser conduzida a uma abertura central na laje com um vidro de corte térmico. A segunda estratégia é referente ás salas de altura maior. Como precisam de uma iluminação mais intensa, é criado na cobertura plana, uma estrutura de entrada de luz em pirâmide que direcciona a luz natural para uma abertura central na laje e para um túnel de luz que desce até ao tecto falso da zona de exposição, cominando num vidro de corte térmico.



## 3.2 MEMÓRIA JUSTIFICATIVA DO RESTAURANTE

### Localização



Figura 31 – Localização do projecto no existente.



Figura 32 – Localização do projecto na proposta urbana



A elaboração desta proposta tem como base conceptual a incidência sobre um objecto em ruína localizado frente à casa na zona 1 da proposta urbana.

O processo parte de uma simples requalificação sobre o objecto existente, propondo um restaurante para colmatar as necessidades que a casa tem na recepção à vertente turística.

A justificação da proposta será simples e incisiva nos espaços e opções tomadas, sendo indispensável a consulta das peças desenhadas para a devida compreensão.

Caracterização do espaço:

Existem duas zonas distintas nesta dependência da quinta, Uma onde ainda se pode confirmar algum estado de conservação e com cobertura existente e outro sem cobertura. A área de implantação total é de 462 m<sup>2</sup>

O processo de definição espacial, passa por a criação da entrada principal no restaurante paralela á zona de arcadas da casa, o que possibilita uma boa organização e fluxo dos turistas ou visitantes. Verifica-se assim a distribuição pública e técnica do restaurante, respectivamente em 60 % (277 m<sup>2</sup>) e 40% (185 m<sup>2</sup>) de ocupação sobre o espaço existente.

A zona que confronta com o jardim da casa será a zona pública do restaurante e onde o alçado sofrerá a criação de vãos para a possível interacção desses dois espaços. A criação das aberturas neste alçado é a única mudança formal referente ao existente.

No aspecto construtivo é sugerida a reestruturação da cobertura caída, em vigas de madeira para um ambiente típico e de integração completa no ambiente delicado.



# **CAPITULO 4.**

# **CONCLUSÕES**



Adoptada uma metodologia académica, personificada por as características espaciais do ambiente urbano em estudo, é possível afirmar que o desenvolvimento deste documento numa primeira fase, revela importante informação ao nível da produção de documentos pioneiros sobre a análise da área proposta a estudo. Consequentemente a assimilação e compreensão dos diferentes paradigmas locais revelou-se fulcral na elaboração da proposta a que esta dissertação se pressupôs.

Elaborada a proposta em concordância com as disposições da Câmara municipal da Lourinhã, com os regulamentos gerais urbanos, é possível afirmar que o projecto cumpre uma importante parte dos objectivos a que se propõe um projecto em arquitectura. Neste mesmo sentido é possível afirmar também o desenvolvimento crítico em relação às disposições dos mesmos.

Na vertente conceptual, verifica-se que a articulação da proposta urbana com o projecto de arquitectura, é fulcral para o desenvolvimento de uma dialéctica complexa e experimental, que vai de encontro ao objectivo de requalificar e dinamizar o espaço social e a entidade urbana local.

Em suma os objectivos a que se propôs este documento foram alcançados, a solução das problemáticas existentes no ambiente urbano da vila da Lourinhã, a sua potencialização e materialização com o projecto de arquitectura, conluem esta dissertação/projecto.



## BIBLIOGRAFIA

- CALVINO, Italo - **As Cidades Invisíveis**. Lisboa : Editorial Teorema, 1993.
- CULLEN, Gordon (2008). **Paisagem Urbana, Arquitectura & Urbanismo**.
- GOITIA, Fernando Chueca - **Breve História do Urbanismo**. 2ªed. Lisboa : Editorial Presença, 1989.
- KOOLHAAS, Rem - **Rem Koolhaas : Conversation with Students**. New York Princeton Architectural Press, 1996.
- KOOLHAAS, Rem - **NOVA YORK DELIRANTE**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.
- LYNCH, Kevin (2008). **A Imagem da Cidade**. Edições 70, Lisboa.
- LE CORBUSIER — **Maneira de pensar o Urbanismo**. Lisboa : Publicações Europa América, 1970.
- LE CORBUSIER - **Por uma arquitectura**. 6ª ed. São Paulo : Ed. Perspectiva, 2006.
- MORIN, Edgar - **La Méthode**. Paris: Ed. Seuil, 1977.
- ROSSI, Aldo (2001). **A Arquitectura da Cidade**. Edições Cosmos, Lisboa. Edições 70.
- TAFURI, Manfredo - **Projecto e Utopia**. Lisboa: Ed. Presença, 1985.



## ELÉTRÓNICOS

- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lourinh%C3%A3>
- <http://www.cm-lourinhã.pt/lourinhã/recursoshumanos/DiagnosticoSectorial.pdf>
- [http://www.cmpesoregua.pt/fotos/ACTAS/ROn.13\\_26%20de%20Junho\\_2007.pdf](http://www.cmpesoregua.pt/fotos/ACTAS/ROn.13_26%20de%20Junho_2007.pdf)
- <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/004/index.php?ml=1&x=pifr.xml>
- [http://www.apgeo.pt/files/docs/CD\\_X\\_Coloquio\\_Iberico\\_Geografia/pdfs/044.pdf](http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_X_Coloquio_Iberico_Geografia/pdfs/044.pdf)

## LEGISLAÇÃO

- PLANO DIRECTOR MUNICIPAL DA LOURINHÃ
- DECRETO-LEI N.º 181/70 DE 28 DE ABRIL
- DECRETO-LEI N.º 196/89 DE 14 DE JUNHO
- DECRETO-LEI N.º 380/99, DE 22 DE SETEMBRO